

Eugênio Luedke Filho

**A ESPERANÇA CRISTÃ COMO FORÇA UTÓPICA NA
PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vilmar Adelino
Vicente

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

LUEDKE, Eugênio Luedke.

A Esperança Cristã como força utópica na prevenção do
suicídio juvenil / Eugênio Luedke Filho; orientador, Vilmar Adelino
Vicente – Florianópolis, SC, 2019.

104 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Definições das Juventudes. 2. Suicídio Juvenil, 3. Sociedade
capitalista, 4. Esperança Cristã.

Eugênio Luedke Filho

**A ESPERANÇA CRISTÃ COMO FORÇA UTÓPICA NA
PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 2019

Prof. Dr. Rafael Alex Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vilmar Adelino Vicente
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Me. Dal Bó Maccari
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Ângela Della Flora
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador

Dedico esse trabalho a quem já perdeu alguma pessoa amada vítima de suicídio, dedico também aos jovens que são a razão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, agradeço primeiramente a Deus que é a fonte de toda vida e Esperança, também a minha família e aos meus irmãos Missionários do Sagrado Coração. Agradeço de igual modo a todos os amigos e professores da FACASC, especialmente ao professor orientador Dr. Vilmar Adelino Vicente, pelo conhecimento compartilhado e pela amizade construída, o meu muito obrigado!

“Se és jovem em idade, mas te sentes frágil, cansado ou desiludido, pede a Jesus que te renove. Com Ele, não se extingue a esperança.”

(FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 109)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso desenvolve uma reflexão teológica pastoral sobre o tema *a esperança cristã como força utópica na prevenção do suicídio juvenil*. Embora pouco se fale sobre esse assunto, o suicídio já é a segunda maior causa de óbitos entre jovens no mundo e a terceira maior no Brasil. Em vista desta triste realidade, apresentamos a esperança cristã como uma força utópica capaz de abrir novos horizontes e construir novas utopias de que um novo mundo é possível. O objetivo geral desse trabalho é analisar a relação da sociedade capitalista contemporânea com o crescente número de suicídio e automutilação de jovens, nas duas últimas décadas, além de apresentar a esperança cristã como uma alternativa de prevenção ao suicídio juvenil. Esse trabalho é de natureza básica, de caráter exploratório e bibliográfico, fundamentado em vários autores clássicos e contemporâneos das áreas da Sociologia, Filosofia, Psicologia Social e Teologia, além de dados estatísticos atuais levantados previamente por organismos de pesquisa reconhecidos. Ao concluir a pesquisa constatamos que o atual modelo econômico atua tanto nos níveis estruturais como subjetivos da sociedade, principalmente no comportamento juvenil. Operando de acordo com interesses do mercado e da indústria mundial que impõe padrões do que é ser jovem na atualidade. Nesta complexa trama social e subjetiva percebemos que os jovens não conseguem viver sua juventude de forma plena e saudável, nem sonhar com outro mundo possível devido à falta de esperança. Percebemos também que o suicídio continua sendo um tabu silenciado por interesses econômicos, religiosos, psicológicos e sociais. E devido a esse silêncio obsequioso, o suicídio, mesmo sendo a terceira maior causa de morte entre jovens no Brasil, ainda não existem políticas públicas de prevenção, conscientização e valorização da vida em nosso país.

Palavras-chave: Suicídio. Juventudes. Capitalismo. Esperança Cristã.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pirâmide Etária (Brasil-2018)	34
Quadro 2 -Taxa de homicídios no Brasil	36
Quadro 3 - Percentual de Homicídios no Brasil do Sexo masculino Segundo Raça/Cor Branca e Negra, 15 a 29 anos.	36
Quadro 4 - Mortes cuja intenção é indeterminada	37
Quadro 5 - Relação de Pensamento Suicida e Suicídio consumado.....	41
Quadro 6 - Número Global de Suicídios por Idade e Renda em 2012.	43
Quadro 7 - Número de suicídio por faixa etária no Brasil em 2014	44
Quadro 8 - Relação de mortes por suicídio no decênio de 2003 e 2013, na faixa etária de 9 a 19 anos	45
Quadro 9 - Número de suicídio de 2000 a 2014.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 Cor - Primeira Carta aos Coríntios
CDC - Código de Direito Canônico
CID - Classificação Internacional de Doenças
CMI - Capitalismo Mundial Integrado
CNBB - Conferência Nacional Dos Bispos Do Brasil
COBRACIS - Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde
CV - Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*
CVV - Centro de Valorização da Vida
DAP - Documento de Aparecida
EG - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
EV - Carta Encíclica *Evangelium Vitae*.
FACASC - Faculdade Católica de Santa Catarina
Gn - Livro do Gêneses
GS - Constituição Pastoral *Gaudim et Spes*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
Jo - Evangelho de João
Lc - Evangelho de Lucas
LG - Constituição Dogmática *Lumen Gentium*
MS - Ministério da Saúde
MVCI - Mortes Violentas por Causa Indeterminada
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONG - Organização não Governamental
PP - Carta Encíclica *Populorum Progressio*
Rm - Carta aos Romanos
SIM - Sistema de Informações e Mortalidade
SRS - Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*
SS - Carta Encíclica *Spe Salvi*
UNICAMP - Universidade de Campinas
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 DEFINIÇÕES E DESAFIOS DAS JUVENTUDES.....	25
1.1 O QUE É SER JOVEM HOJE?.....	27
1.2 SITUAÇÃO DO JOVEM NO BRASIL.....	33
1.3 O SUICÍDIO JUVENIL	39
1.3.1 Dados estatísticos sobre o suicídio	41
2 JUVENTUDES: SOCIEDADE CAPITALISTA E O SUICÍDIO	51
2.1 O SUICÍDIO E SOCIEDADE.....	54
2.2 SUICÍDIO E SOCIEDADE PÓS-MODERNA	57
2.2.1 Modelização das subjetividades e a instrumentalização da vida ..	60
2.2.2 A cultura de morte os deuses do mercado	65
2.2.3 Uma sociedade sem Esperança	68
3 A ESPERANÇA CRISTÃ COMO FORÇA UTÓPICA	71
3.1 A ESPERANÇA CONCRETA.....	78
3.1.1 A esperança sem Deus e a esperança paulina.....	81
3.1.2 Utopia e a Esperança Cristã.....	82
3.1.3 A esperança na Bíblia.....	84
3.2 O HORIZONTE TEOLOGICO DA ESPERANÇA CRISTÃ	86
3.2.1 As virtudes teologais na perspectiva da Esperança Cristã	89
CONCLUSÃO.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

Vivemos no tempo da coisificação humana e da humanização de coisas. Vidas e relações humanas são tratadas como coisas descartáveis, líquidas e com validade pré-estabelecida. A vida humana, dádiva do Divino Criador, está perdendo sua sacralidade e sua razão de ser para além de uma coisa manipulável, conforme os interesses do momento e do mercado. Temos a triste impressão de que as armas ideológicas da morte, anunciadas por Franz Hinkelammert, e outros teólogos e filósofos da libertação nos anos setenta, foram empunhadas e difundidas de forma global pelo sistema capitalista e já alcançaram, ou estão prestes a alcançar, sua vitória em desfavor da vida e da dignidade humana.

Em vista dessa cultura de morte que engloba praticamente todos os níveis da vida humana, a presente pesquisa desenvolve uma reflexão teológica pastoral sobre o tema *a Esperança Cristã como força utópica na prevenção do suicídio juvenil*. Embora pouco se fale sobre o assunto, o suicídio já é a segunda maior causa de óbitos entre jovens no mundo e a terceira maior no Brasil. Em vista desta triste realidade, apresentamos a Esperança Cristã como uma força utópica capaz de abrir novos horizontes, construir novas utopias de que um novo mundo é possível a partir da Fé e do Amor. Ou seja, dar esperanças para quem já não consegue ver uma razão pela qual viver.

Olhando para a sociedade atual, percebemos que a natural vitalidade juvenil, associada à velocidade das tecnologias, das relações imediatas e superficiais da *cibercultura* e a busca desesperada por novidades, fazem dos jovens do século XXI consumidores perfeitos. Alienados pela sociedade do consumo deparam-se com a superficialidade das relações virtuais, tornando-se apenas mais uma vítima de um sistema social que controla, isola, escraviza e mata sem ser percebido.

Deste modo, a mentalidade suicida vai construindo-se gradativamente, como um elemento aparentemente natural da cultura de morte dentro da sociedade do consumo. Possivelmente, seja nesse processo de modelização das subjetividades juvenis, segundo os moldes do sistema de morte, que as utopias transformadoras naturais dos jovens são suprimidas e, conseqüentemente, desenvolve-se uma mentalidade suicida que é fruto da falta de esperança, que não permite criar utopias para além dos limites impostos pelo sistema dominante.

As utopias transformadoras consistem na capacidade natural dos jovens em sonhar com um mundo melhor, onde tenham plenas condições de desenvolver-se e ter uma vida digna. São as utopias que impulsionam os jovens a olhar para além da realidade concreta que lhes é imposta e buscar transformá-la em algo melhor. Quando, por diversas razões essas utopias lhes são suprimidas, o jovem perde sua força vital e tende a conformar-se com as injustiças sociais e, conseqüentemente, a vida vai perdendo gradativamente sua razão de ser e existir.

Sabendo da amplitude, da complexidade e das contradições que envolvem os estudos e as teorias sobre o fenômeno do suicídio juvenil, este estudo não se aprofundará no campo das ciências médicas (de saúde mental). Todavia, limitar-se-á à uma análise sócio-comportamental e estrutural da sociedade pós-moderna, identificando as influências do modo como a sociedade capitalista neoliberal está organizada com o crescente número de suicídios de jovens nas duas últimas décadas. A base teórica desta análise está fundamentada no pensamento de Èmile Durkheim de que o suicídio é resultado de comportamentos coletivos, sintomas de uma patologia social, não apenas pessoal ou biológica.

No entanto, cabe-se destacar que esse não é o único olhar sobre o fenômeno do suicídio. Vários outros estudiosos das áreas médicas, principalmente da psicanálise, baseados na teoria em Edwin Shneidman, considerado por muitos como o pai da suicidologia. Defendem a ideia de que o suicídio está ligado mais a um ato do próprio indivíduo, do que a fatores externos. No entanto, sem negar os avanços já consagrados das ciências médicas sobre o suicídio, nesta pesquisa optamos por uma abordagem pastoral e interdisciplinar, envolvendo as áreas da: Sociologia, Filosofia, Psicologia Social e Teologia.

Optou-se por essa abordagem devido ao fato de que a problemática do autocídio juvenil perpassa por diversas áreas do conhecimento e urge a necessidade de uma reflexão teológico-pastoral sobre esse tema, que tanto preocupa ou deveria preocupar os responsáveis pela proteção integral da vida.

Essa pesquisa justifica-se por vários motivos, dentre eles, que o suicídio juvenil já é considerando um problema de Saúde Pública em grande parte do mundo, e por muitos pesquisadores já é comparada a uma epidemia nacional. No Brasil, de acordo com os últimos dados do Ministério da Saúde, em 2014 foram contabilizados mais de 16 mil casos

de suicídios, em média 32 pessoas vítimas de suicídio por dia. O Brasil está entre os oito países que segue aumentando consecutivamente esse número a cada ano, tanto que no decênio de 2000 e 2012 houve uma alta de 10,4% da população em geral e um aumento de 30% de suicídio entre os jovens.

Embora não se tenham dados oficiais dos últimos quatro anos, estima-se que esses números seguem aumentando, principalmente entre os jovens e adolescentes. De 2015 para 2016, no Brasil, houve um aumento de 24% de mortes por suicídio nessa faixa etária, contrariando as estatísticas da maioria dos países em que o número das vítimas por suicídio vem reduzindo gradativamente nas últimas três décadas. .

Além dos casos que chegam a óbito é constatado o crescimento de uma mentalidade suicida e de automutilação entre os jovens. Estima-se que a cada dez tentativas em tirar a própria vida, apenas uma termina em morte. Portanto, além dos casos consumados, existem muitos outros que sobreviveram a esse impulso suicida e precisam de ajuda para reencontrar um sentido da vida e voltar a ter esperanças.

Diante dessa triste e silenciosa realidade, cercada de tabus, sofrimentos, angústias e desesperanças, é necessário falar com responsabilidade e comprometimento sobre esse assunto em todas as dimensões da sociedade. Portanto, cabe também aos teólogos assumir a responsabilidade com a defesa integral da vida, como dádiva do Divino Criador e “núcleo central da missão redentora de Jesus, que afirma: Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.”¹

Portanto, é de suma importância trazer este tema para a reflexão teológica e romper com o silêncio cúmplice dessa cultura de morte que ceifa o futuro de tantos jovens. Poder-se-ia citar vários outros elementos que justificam esta pesquisa, como a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit* do Papa Francisco, elaborada a partir do clamor dos jovens no Sínodo da Juventude de 2018 e publicado neste ano. Como também o tema da Campanha da Fraternidade de 2020 que será *Fraternidade e vida: dom e compromisso*. Todavia, os dados supracitados já são mais

¹ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**. Paulinas: São Paulo, 1995, p. 5; EV 1.

que suficientes para justificar a necessidade de empreender uma pesquisa nessa área.

Essa pesquisa é de natureza básica de caráter exploratório bibliográfico e a forma de tratamento dos dados é qualitativa. Ou seja, essa pesquisa está fundamentada em dados e teorias já publicadas por outros autores clássicos e contemporâneos e não conta com uma pesquisa formal, estruturada em campo. Optou-se por uma metodologia exploratória, com intuito de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado e criar novas hipóteses para pesquisas mais estruturadas futuramente.

Por ser uma pesquisa exploratória não se pretende esgotar todos os questionamentos sobre o suicídio juvenil, devido à sua amplitude e complexidade. Mas buscar-se-á manter a reflexão em torno das perguntas: Existe alguma relação da cultura capitalista neoliberal globalizada com o aumento do número de suicídios de jovens na atualidade? E diante disso, como a esperança cristã pode ser um elemento de prevenção ao suicídio juvenil?

Para alcançar o objetivo e responder aos questionamentos propostos, esta pesquisa foi estruturada em três capítulos: no primeiro capítulo apresentam-se algumas definições a partir de diversos autores, do que se compreende por juventude, destacando os principais desafios que os jovens encontram para viver e sobreviver na sociedade brasileira atual. Em seguida exploram-se alguns dados referentes à violência e ao suicídio de jovens no Brasil, além de refletir sobre alguns tabus sociais que envolvem a temática do suicídio e da automutilação.

No segundo capítulo aborda-se a situação dos jovens diante das mazelas estruturais da sociedade capitalista, como uma das possíveis causas do suicídio juvenil na atualidade. Para isso, volta-se a pesquisa para o período da Revolução Industrial, quando o problema do suicídio passou a ser compreendido como uma patologia social, relacionada diretamente com o modo como a sociedade capitalista era organizada. Após uma introdução, com Durkheim e Marx, sobre a relação entre a sociedade capitalista e o fenômeno do suicídio, seguimos a linha histórica do pensamento até a atualidade com o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), sociedade líquida e utilitarista. Neste período no qual a vida perdeu sua sacralidade e sua razão de ser em si mesma e passou a ser

vista como uma coisa a ser manipulada e descartada quando perde seu valor comercial.

Por fim, no terceiro capítulo buscamos na Esperança Cristã elementos que possam contribuir para superação das desesperanças, angústias, distopias e a mentalidade suicida, que são algumas das patologias sociais provocadas pela sociedade capitalista. Nesse capítulo apresentamos a Esperança Cristã como uma força utópica, ou seja, uma *anima naturalis*, capaz de impulsionar os jovens a superar suas próprias angústias e desilusões, muitas delas provocadas pelo modelo econômico vigente.

Já nos parece natural quando algum jovem tira a vida por razões aparentemente fúteis. De início, na tentativa de entender o que aconteceu ou encontrar algum culpado pela morte daquele jovem, surgem várias respostas sem perguntas e muitas perguntas sem respostas. São comuns frases como: *é mais um jovem que tirou a vida à toa! Nossa ele parecia tão feliz! Logo agora que passou no vestibular! Ele parecia tão normal, nunca pensei que ele iria se matar mesmo! De quem é a culpa de ele ter se matado? Ninguém percebeu nada de diferente com ele nesses últimos dias? Nossa, é uma pena mesmo, mas a vida segue né!* Essas e muitas outras frases aparecem diante do suicídio de um jovem. Assim, como cegos guiando cegos,² segue-se a vida procurando um culpado entre as vítimas, e não conseguimos olhar para além das barreiras ideológicas, econômicas, sociais que nos são impostas pelo sistema de morte.

² BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, Lc 6, 39.

1 DEFINIÇÕES E DESAFIOS DAS JUVENTUDES

Juventude não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação.³

Diante da realidade atual, pensar a identidade da juventude brasileira é extremamente complexo, o que é possível, portanto, é refletir sobre uma ou algumas de suas faces, um ou alguns de seus conflitos, uma ou algumas das formas como se manifestam na história.

Segundo Libanio, a juventude ao longo da história assume posturas, identidades e motivações distintas, de acordo com o contexto de cada época. Na década de 1970 os jovens eram movidos por ideologias políticas, os jovens possuíam sonhos grandiosos e utópicos. Já a juventude da década de 1980 possuía sonhos possíveis, mas a realização desses sonhos tinha um fim individualista, que geralmente eram bens de consumo materiais já motivados pela globalização neoliberal.

Já a pós-modernidade veio com outro apelo. Acenava-lhes unicamente com o presente. Diz-lhes: esqueçam o passado! Não se queimem por futuro impossível! Vivam o presente! Esse presentíssimo se manifesta na perda da consciência histórica e ética.⁴

Assim deu-se origem a uma geração sem utopias, que se conforma em reproduzir modelos midiáticos fabricados pelas mídias de massa. Jovens fragmentados, imersos num mundo líquido e consumista, sem um governo global que regule os mecanismos de mercado, de modo, que a economia fica a mercê do sistema neoliberal. Esse consumismo repercute

³ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-sinodal, *Christus Vivit***. Vaticano: 2019, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/alotJ>. Acesso em: 15 abr. 2015, CV 71.

⁴ LIBÂNIO, João Batista. **Para onde vai a juventude?** Reflexões pastorais; São Paulo: Paulus, 2011, p. 144.

no individualismo, no isolamento e conseqüentemente em uma identidade fluída. Diante dessa situação, os jovens enxergam na sociedade líquida sua própria impotência diante de outro mundo possível e não veem alternativas, a não ser conformar-se com as realidades impostas pelo sistema capitalista globalizado e assim procurar viver sem utopias e esperanças de um mundo melhor.⁵

Muitas destas situações já foram levantadas por João Paulo II em sua visita a Cuba em 1998, quando acusou o liberalismo de “subordinar a pessoa humana e condicionar o desenvolvimento dos povos às forças cegas do mercado”.⁶ Mais de vinte anos se passaram, e a “cultura do descarte” continuou sua expansão, fazendo cada vez mais vítimas, dentre elas, as primeiras e mais afetadas são os jovens, haja vista, que é a partir dos jovens que o mercado busca modelar as subjetividades e os modelos que se esperam nas futuras gerações de cada sociedade. Isso faz do jovem, um grupo mais vulnerável, por diversos fatores: biológicos, psíquicos, sociais, relacionais e espirituais, além de ser constantemente bombardeado pelas mídias, e outros mecanismos semióticos, para que seja o que se espera dele.⁷

O clamor dos jovens do mundo todo chegou ao Vaticano para a XV Assembleia dos Bispos, no Sínodo da Juventude e os temas do suicídio e da automutilação ganharam destaque como um tema transversal em todo Sínodo. Como acenam as reflexões do documento final.

O mundo juvenil está profundamente marcado pela experiência da vulnerabilidade, da deficiência, da enfermidade e da dor. Em numerosos países aumenta, principalmente entre os jovens, a proliferação de formas de mal-estar psicológico,

⁵ BAUMAN, Zigmunt. **A Ética é possível num mundo de consumidores?.** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.12 -15.

⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelificação da Juventude:** desafios e perspectivas pastorais. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 35, 29.

⁷ SAKAMOTO, Cleusa. A fase da juventude. **Vida Pastoral.** p. 3 - 8, ano 59, n. 322, 2018, p. 3.

depressão, doença mental e distúrbios alimentares, associados a experiências de profunda infelicidade ou à incapacidade de encontrar uma posição no seio da sociedade. Finalmente, não deve ser esquecido o trágico fenômeno do suicídio.⁸

Segundo o Documento 85 da CNBB, sobre a Evangelização da Juventude, destacam-se três marcas da juventude atual, “o medo de sobrar, por causa do desemprego; o medo de morrer precocemente, por causa da violência; e a vida em um mundo conectado, por causa da internet”.⁹ Em síntese, pode-se dizer que a juventude vive com medo, e por isso assumiu uma posição de passividade frente aos grandes problemas da sociedade. Todavia, na perspectiva de Mannheim, essa posição de passividade não é natural do jovem, haja vista que a juventude possui um potencial de mudança e uma originalidade própria que consegue sonhar com um futuro distante. Essa potencialidade se dá pelo fato de não estarem totalmente controlados pelo *status quo* da sociedade e por naturalmente terem um capital temporal de vida muito maior que os adultos. Isso deveria fazer dos jovens protagonistas das transformações sociais.¹⁰

1.1 O QUE É SER JOVEM HOJE?

Como já dito, definir o que é ser jovem na atualidade não é tarefa fácil, pois essa definição é muito distinta, em alguns casos até oposta. Tendo em vista que cada autor ou órgão representativo se fundamenta em alguns pressupostos e objetivos para sua definição. Nesse primeiro momento apresentaremos diferentes definições sobre o compreende por

⁸ ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/iIRT3>. Acesso em: 27 mar. 2019, p. 16, 44

⁹ CNBB, 2007, p. 27; Doc. 85, 34.

¹⁰ MANNHEIM, Karl. **Educação e sociedade**: a educação como processo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1978, p. 21-35.

ser jovem na atualidade, todavia em meio a tantas possibilidades não podemos perder de vista o que é essencial. Conforme nos lembra o Documento 85 da CNBB sobre a evangelização da juventude:

[...] a juventude é a fase do ciclo da vida em que se encontram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia e criatividade, generosidade e potencial para o engajamento. [...] Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida.¹¹

Na perspectiva de alguns sociólogos, juventude é apenas uma construção social, já para alguns psicanalistas é apenas uma fase de transição, de criança para a vida adulta. Todavia, a definição mais aceita é a por faixa etária, mas mesmo assim não existe um consenso, pois cada grupo considera fatores diferentes para sua definição. Por exemplo: a Organização Mundial de Saúde considera “jovem” entre 15 a 24 anos, partindo de uma condição biológica.

Segundo a doutora Cleusa Sakamoto, considerando a realidade globalizada e tecnológica em que vivemos, o termo juventude corresponde à ampla faixa etária de 12 a 32 anos na grande maioria dos casos. Segundo ela tem-se início com a marca biológica da puberdade (12 anos) e se estende até o primeiro período da fase adulta, quando se consolidam os valores pessoais, princípios éticos, e muitas outras escolhas, como ocupação profissional, laços afetivos, independência financeira e outros elementos que garantem a autonomia do sujeito.¹²

A fim de facilitar o entendimento estatístico, nesta pesquisa será usado o termo ‘jovem’ para designar tanto: jovem adolescente (15 a 17 anos), jovem (18 a 24 anos) e jovem adulto (25 a 29 anos). Com base na Lei n.º 12.852, de agosto de 2013, que instituiu o Estatuto da Juventude,

¹¹ CNBB, 2007, p. 23; Doc. 85, 26.

¹² SAKAMOTO, 2018, p. 4.

“compreende-se por jovem as pessoas na faixa etária dos 15 aos 29 anos”,¹³ levando-se em conta o tempo de formação escolar e profissional.

Mesmo diante da globalização e da cultura massificadora imposta pelo CMI, durante o sínodo da juventude, os Padres Sinodais salientaram as múltiplas diferenças de contextos e culturas entre os jovens, inclusive dentro do mesmo país.

Existe uma pluralidade de mundos juvenis, a ponto de se tender, nalguns países, a usar o termo “juventude” no plural. Além disso, a faixa etária considerada pelo presente Sínodo (16-29 anos) não representa um todo homogêneo, mas compõe-se de grupos que vivem situações peculiares.¹⁴

No entanto, cabe-se ressaltar que essa definição biológica ou etária é variável para cada país, bem como não é aceita por todos os especialistas da área. Esta variação se dá pelo fato de que o “jovem”, além de ser uma condição biológica, é também resultado de uma herança social e cultural, como afirma Ana Carolina Franco: “o conceito de juventude tem sido forjado nos confrontos e negociações discursivas, com fins de normatizar e normalizar o que significa ser jovem.”¹⁵

Nesse sentido, para se ter uma compreensão mais ampla do que é ser jovem, e a consequência dessa definição na sociedade, deve-se buscar a posição de alguns autores que partem de uma abordagem sociológica para compreender. Como é o caso de Esteves e Abramoway que afirmam:

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada

¹³ SENADO FEDERAL. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: encurtador.com.br/qFP78. Acesso em 26 mar. 2019, p. 26.

¹⁴ FRANCISCO, 2015, não paginado; CV 68.

¹⁵ FRANCO, Ana Carolina Farias et al. Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude. **Fractal**, Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 415-428, maio/ago. 2014. Disponível em: encurtador.com.br/fnuwR. Acesso em: 22 set. 2018, p. 415.

sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.¹⁶

Franco e Lemos concordam com essa definição e lembram que, em muitas culturas antigas, existiam apenas três categorias: crianças, adultos e anciãos. Segundo eles foi aproximadamente na década de quarenta, em meio às duas guerras mundiais, que o objeto juventude foi fabricado, com o intuito de reduzir o número de alistamentos e garantir a mão de obra nos países que não estavam em guerra. No período pós-guerra, com o aumento da expectativa de vida, esse grupo (jovem) passou a ser alvo do mercado, das ideologias consumistas, e com fetiche da juventude eterna, esse período da vida apresenta-se cada vez mais amplo.¹⁷

Como já dito por Libanio na introdução desta pesquisa, a juventude se transforma de acordo com a época e o contexto em que está inserida. Considerando a sociedade consumista atual, concordamos com Soares de que, “na perspectiva mercadológica, a juventude é um mito fabricado por um ramo industrial específico da sociedade capitalista, da indústria cultural, quanto um consumidor cultural a ser domesticado.”¹⁸

Também não é possível limitar a juventude apenas a uma construção social, ou ainda restringir a juventude apenas a um signo, como afirma Bourdieu “A juventude é apenas uma palavra, somos sempre o jovem ou o velho de alguém.”¹⁹ Com essa afirmação

¹⁶ ESTEVES, L. C. G; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In M. Abramovay, E. R. Andrade & L. C. Esteves (Orgs.), **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade** (p. 21-56). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007, p. 36.

¹⁷ FRANCO, 2014, p.22.

¹⁸ SOARES, I de O.; FLEURI, L. L.; CAMERA, H. (org) **Juventude e Dominação Cultural**; São Paulo: Paulinas. 1982, p. 3.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIS, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. p. 82-121, Trad. Montero, P.; Auzmendi, A. São Paulo: Ática, 1983, p. 113.

provocadora, Bourdieu busca mostrar que as divisões, em classes de idade ou em gerações são variáveis e facilmente se tornam objetos de manipulação. Portanto, juventude e velhice seriam apenas construções sociais oriundas da luta entre os jovens e os velhos.

Respondendo a provocação de Bourdieu, Margulis e Urresti afirmam que a juventude é mais que uma palavra. Com essa afirmação eles buscam superar as concepções de juventude apenas como uma categorização etária ou um grupo com características uniformes. Estes autores destacam que a condição histórico-cultural das juventudes não se apresentam de igual forma para todos os integrantes da categoria estatística jovem, uma vez que depende dos fatores sociais a que estão submetidos, como: classe social, gênero, cor/raça, residência, origem étnica.²⁰

Sociologicamente muitos autores classificam os jovens atuais pela geração “Y” e “Z”. Sendo que a geração “Y” corresponde aos jovens nascidos nos anos de 1990 a 2000, são jovens adultos que viveram o auge da globalização, um grupo de transição que ainda oferecia alguma resistência à globalização e às armadilhas do mercado. O grupo seguinte são os da geração “Z”, nascidos a partir dos anos 2000. Essa geração têm nas redes sociais e na internet o principal catalisador de novos comportamentos e paradigmas,²¹ representam um modo de ser e fazer da era *cibernética* com comportamentos ágeis e instáveis, sentimentos de insatisfação e humor irritável, com tendência ao individualismo.²²

Cabe-se destacar que as gerações “Y” e “Z” são compostas por jovens que já nasceram na sociedade tecnológica globalizada e são o resultado dos modelos impostos do CMI que teve sua consolidação a partir dos anos de 1990. Esse modelo de jovem, idealizado pelo mercado, usa da natural vitalidade juvenil, associada à busca por novidades a serem experimentadas e consumidas, facilitadas pela velocidade das trocas e relações virtuais imediatas, gerando nos jovens uma insaciabilidade que

²⁰ MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, L. et al. **La juventud es más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 25.

²¹ LIPKIN, Perrymore, A.; **A Geração Y no Trabalho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.p. 36.

²² SAKAMOTO, 2018, p.6.

os leva a um vazio existencial, já não encontram respostas para viver. Esse processo pode explicar a ocorrência frequente de muitos jovens com problemas afetivos, adoecidos psicologicamente, acometidos da depressão, síndrome de ansiedade, síndrome do pânico e outras psicopatias contemporâneas.²³

Sobre a influência do mundo digital na vida do jovens o Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* chama atenção de que:

Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros.²⁴

Nessa mesma Exortação aos jovens, Francisco lembra dos perigos que os meios de comunicação digitais, que podem nos expor como: o risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, criando novas formas de violência através das redes sociais, como o caso *cyberbullying*.²⁵

Não se deve esquecer que há interesses econômicos gigantescos que operam no mundo digital, capazes de realizar formas de controle que são tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático.²⁶

Por fim, percebemos que todas as definições apresentadas até aqui, devem ser consideradas, para se ter uma visão mais ampla do que é ser jovem na sociedade atual. Todavia em um primeiro momento deve-se ter

²³ SAKAMOTO, 2018, p.4.

²⁴ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 86.

²⁵ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 88.

²⁶ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 89.

claro que são pessoas concretas. Conforme a resposta do Papa Francisco em uma entrevista ao jornalista Thomas Leoncini, quando questionado o que é juventude, ele responde:

Juventude não existe. Quando falamos de juventude, muitas vezes nos referimos ao mito da juventude. Porém gosto de pensar o que existe em seu lugar, são os jovens. Muitas vezes nos deixamos levar pela cultura do substantivo. A juventude, claro, é um substantivo, mas um substantivo sem um suporte real; é uma ideia que permanece órfã de uma criação visual.²⁷

Essa definição é fundamental para não perdermos de vista a certeza de que estamos falando de pessoas reais, vidas humanas que possuem vários rostos, idades, cores/raça, classes sociais e gêneros. Ou seja, quando Francisco afirma que “a juventude não existe,” ele quer destacar que não é possível analisar de forma abstrata, pois são jovens com as suas vidas concretas com sonhos e desafios. “No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação.”²⁸

Portanto, em meio a tantas singularidades a serem reconhecidas, o mais correto seria usar o termo juventudes, embora nem esse termo consiga representar a complexidade e a diversidade dos jovens na atualidade.

1.2 SITUAÇÃO DO JOVEM NO BRASIL

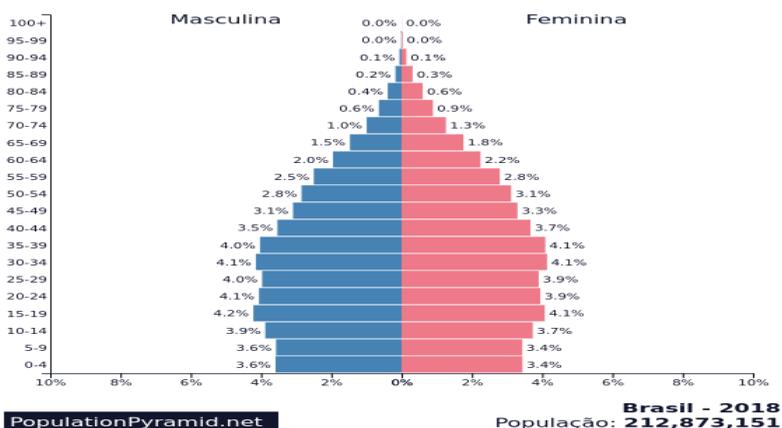
Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no Brasil, em 2017 o número de pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos era 48,5 milhões. Estima-se que este número tenha se mantido estável apesar das inúmeras tragédias contra os jovens.

²⁷ FRANCISCO. **Deus é Jovem**: uma conversa com Thomas Leoncine. São Paulo: Planeta. Trad. João Carlos Almeida. 2018, p. 16.

²⁸ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 71.

Segundo o IBGE nunca houve e, provavelmente, não haverá tantos jovens no Brasil como nesse período histórico em que vivemos.²⁹ Esse grande número de jovens é perceptível na pirâmide etária desenvolvida pelo Instituto *Population Pyramids of the World from 1950 to 2100* para o ano de 2018.

Quadro 1- Pirâmide Etária (Brasil-2018)



Fonte: Population Pyramids of the World from 1950 to 2100.³⁰

Um elemento que cabe-se destacar na pirâmide etária é que nascem mais homens que mulheres. No entanto quando saem do período da juventude (trinta anos), o número de homens e mulheres é praticamente o mesmo (4,1%). Quando comparado apenas com jovens negros ou em condição de vulnerabilidade social percebe-se uma

²⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao//index.html>. Acesso em: 30 abr. 2019.

³⁰ POPULATION Pyramids of the World from 1950 to 2100. Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/brazil/2017/>. Acesso em 30 abr. 2019.

diminuição ainda maior no número de homens neste período etário.³¹ A explicação para esse fenômeno já vinha explicitado no Atlas da Violência no Brasil de 2017, quando os pesquisadores do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), já alertavam o aumento da violência contra jovens do sexo masculino no ano anterior (2016).

Os dados de 2016 indicam o agravamento do quadro em boa parte do país: os jovens, sobretudo os homens, seguem prematuramente perdendo as suas vidas. No país, 33.590 jovens foram assassinados em 2016, sendo 94,6% do sexo masculino. Esse número representa um aumento de 7,4% em relação ao ano anterior. Se, em 2015, pequena redução fora registrada em relação a 2016 (-3,6%), em 2016 voltamos a ter crescimento do número de jovens mortos violentamente.³²

Como mostram os dados, a violência contra os jovens no Brasil vem aumentando gradativamente a cada ano, e ao que parece as políticas públicas em defesa da vida e dignidade do jovem ainda não tiveram resultados. Diante dessa situação cabe-se perguntar, se de fato a vida do jovem em condição de vulnerabilidade tem importância no atual sistema político e econômico capitalista? Como afirma Mannheim “As reservas vitais e espirituais da juventude são deliberadamente negligenciadas enquanto não houver desejo colidente contra as tendências até então vigentes na sociedade.”³³

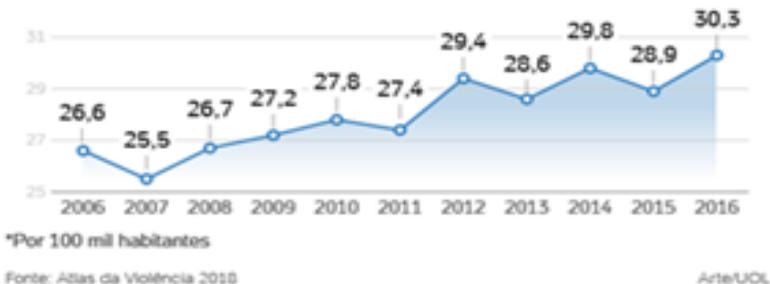
Essa negligência das estruturas aparece no número total de mortes violentas intencionais, (homicídios) apresentados na pesquisa do IPEA 2018.

³¹ INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; (IPEA) FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2017**. Disponível em: <encurtador.com.br/deva>. Acesso em: 20 abr. 2017.

³² IPEA. 2017, p. 32

³³ MANNHEIM, 1978, p.94.

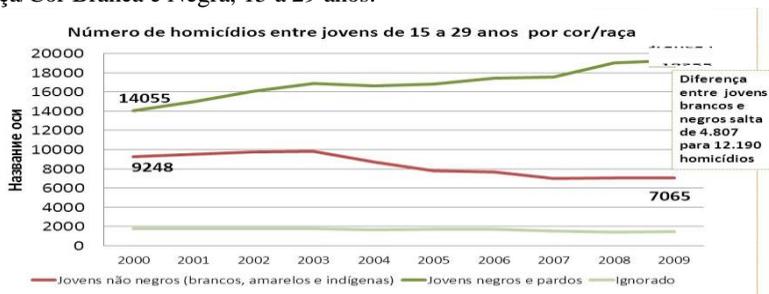
Quadro 2-Taxa de homicídios no Brasil



Fonte: Atlas da Violência 2018 – IPEA

Destaca-se que o número total de mortes violentas intencionais no Brasil chegou a 62.517 em 2016. Esses números correspondiam a 30,3% do total de óbitos no Brasil conforme o gráfico. Dessas 62.517 vidas de brasileiros perdidas por causa da violência, 56,5% são de homens jovens de 15 á 29 anos. Cabe lembrar que em sua grande maioria são jovens negros do sexo masculino. Conforme pesquisa realizada pelo Sistema de informações sobre mortalidade (SIM) em 2010.

Quadro 3- Percentual de Homicídios no Brasil do Sexo masculino, Segundo Raça/Cor Branca e Negra, 15 a 29 anos.



Fonte: Sistema de informações sobre mortalidade – SIM – 2010³⁴

³⁴ MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Sistema de Informações de Mortalidade**. Disponível em:<encurtador.com.br/esuE5>. Acesso em 20 abr. 2018.

Conforme apresenta o gráfico do ano de 2010, o número de mortes violentas intencionais de jovens negros vem aumentando gradativamente a cada ano. Conforme apontam os dados do Atlas da violência 2018, dos óbitos causados de forma violenta, 71,5% são de pessoas negras ou pardas.

O estudo revela que, em 2016, a população negra registrou taxa de homicídios de 40,2 mortes por 100 mil habitantes. O mesmo indicador para brancos, amarelos e indígenas foi de 16 mortes por 100 mil habitantes.³⁵

Outro fenômeno que vem crescendo são as mortes violentas por causa indeterminada (MVICI). Segundo a 10ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), adotada pelo Brasil desde 1996, são as mortes cuja causa e intenção são indeterminadas, como por exemplo: mortes no trânsito; suicídios; homicídios e mortes decorrentes de intervenção policial.

Quadro 4 - Mortes cuja intenção é indeterminada

MORTES POR EVENTOS (FATOS) CUJA INTENÇÃO É INDETERMINADA		
ANO	TOTAL	Δ %
1999	10.769	-
2000	11.934	10,82
2001	11.520	-3,47
2002	12.557	9,00
2003	11.101	-11,60
2004	11.597	-4,47
2005	11.269	-2,83
2006	9.147	-18,83
2007	11.367	24,27
2008	12.056	6,06
2009	13.253	9,93
2010	9.703	-26,79
2011	10.353	6,70
2012	10.051	-2,92
2013	9.788	-2,62
2014	9.468	-3,27
2015*	14.225	50,24

Fonte: Sistema de informações sobre mortalidade – SIM – 2016³⁶

³⁵ IPEA, 2017, p. 32.

³⁶ MS – SIM, 2018, não paginado.

As mortes violentas com causa indeterminada são assim classificadas quando o óbito se deu por causa não natural, bem como quando os profissionais envolvidos no sistema de informações sobre mortalidade não conseguiram informar a motivação primeira que desencadeou todo o processo mórbido. Além dos números apresentados na tabela, ao analisar a evolução das taxas de mortes violentas com causa indeterminada (MVCI) por 100 mil habitantes no Brasil entre 2015 e 2016, observa-se um aumento de 3,6%.³⁷

Nos países desenvolvidos, geralmente as mortes violentas indeterminadas representam um resíduo inferior a 2% do total de mortes por causas externas. Isso ocorre porque, nesses lugares, se reconhece a importância de se descobrir as causas que levaram o indivíduo a óbito como elemento fundamental para evitar novas mortes futuras.³⁸

Dentro do grupo das MVCI o suicídio ou autocídio está entre as principais causas da morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, tanto que, de 2015 para 2016 aumentou 24% como será apresentado na próxima seção. Embora ainda é muito complexo qualificar uma morte como causada por suicídio. Por exemplo: uma pessoa que se matou, jogando o próprio carro numa ribanceira ou embaixo de um caminhão, vai para as estatísticas como acidente de trânsito.

Pensa-se que o suicídio é subestimado numa taxa de 20-25% em idosos e de 6-12% em outras faixas etárias. Não existem registros mundiais oficiais de comportamento suicida não fatais, (tentativas de suicídio), principalmente porque somente cerca de 25% dos que tentam suicídio buscam atenção médica. A maioria das tentativas de suicídio,

³⁷ IPEA, 2018, p.76.

³⁸ IPEA, 2018, p.76

portanto, permanecem não relatadas e não registradas.³⁹

Sem contar tantos outros casos de suicídios que são subnotificados por diversos fatores: políticos, religiosos, sociais ou até por regulações de agências seguradoras, haja vista que “a morte por suicídio não é assegurada por nenhuma agência de seguros no Brasil.”⁴⁰ Embora não se tenham dados oficiais em nível nacional atualizados desde 2016, estima-se que esse número de suicídios venha aumentando gradativamente, como será apresentado na próxima seção.

1.3 O SUICÍDIO JUVENIL

O suicídio por si só já é um tema bastante complexo. Quando se trata de suicídio juvenil, ele se torna ainda mais complexo, devido aos muitos fatores que envolvem esta fase da vida: as crises existenciais, transformações físicas, afetivas, mentais (naturais da idade), aceitação da raça/cor, gênero, opção sexual, condição social e econômica e muitos outros elementos que somados ou isolados, deixam o jovem em condição de maior vulnerabilidade para desenvolver uma mentalidade suicida ou automutilação. Além de vários outros fenômenos sociais e biológicos, que associados à pressão das mídias de massa podem levar o jovem a uma situação de sofrimento que chega às raias do insuportável, a ponto de muitos pensar que a única forma de acabar com o sofrimento é tirando a própria vida.⁴¹

Atualmente, o significado da palavra suicídio está vinculado mais à intencionalidade do sujeito do que ao ato propriamente dito. Fairbair,

³⁹ NAÇÕES UNIDAS. OMS. **Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Disponível em:<encurtador.com.br/mQS14>. Acesso em: 18 set. 2018, p. 6.

⁴⁰ VALE, Lucio A. **E Foram deixados para traz**: Uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio. Edições Loyola, São Paulo, 2017, p. 28.

⁴¹ BOTEGA, Nery. J. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed. 2015, p. 35.

defensor desta posição, considera que as intenções devem ser mais relevantes do que a própria consequência. Assim, “dever-se-iam considerar suicidas todos aqueles que intencionam a morte, mesmo que sua ação tenha sido mal sucedida contanto que alimente este desejo e esta intenção.”⁴² De acordo com Nery José Botega constata-se um crescimento considerável desse comportamento suicida entre os jovens. Estima-se que a cada dez tentativas de tirar a própria vida apenas uma termina em morte. A esses ele define como pessoas vitimas de um comportamento suicida.⁴³

Comportamento suicida é todo ato pelo qual o indivíduo causa lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau de intenção letal e de conhecimento do verdadeiro motivo desse ato. Uma definição tão abrangente possibilita conceber o comportamento suicida ao longo de um *continuum*: com base em pensamentos de autodestruição, passando por ameaças, gestos, tentativas de suicídio e finalmente o suicídio.⁴⁴

Portanto, além dos casos consumados, existem muitos outros que sobreviveram a esse impulso suicida e precisam de ajuda para reencontrar um sentido para viver. Por isso recomenda-se trabalhar mais com a mentalidade suicida e de automutilação do que com o ato de suicídio propriamente dito.⁴⁵ Tanto que, em pesquisa realizada por grupo de pesquisadores da Universidade de Campinas (UNICAMP), com 515 pessoas entrevistadas aleatoriamente, constatou-se que 17,1% dessas pessoas já pensaram seriamente em suicidar-se em algum momento da vida. Dessas que pensaram seriamente, 4,8% chegaram a elaborar um plano suicida e entre as que pensaram seriamente 2,8% efetivamente

⁴² FAIRBAIR, Gavin j. **Reflexões em torno do suicídio**: A linguagem e a ética do dano pessoal. São Paulo: Paulus, 1990, p. 117.

⁴³ BOTECA, 2015, p. 39.

⁴⁴ BOTECA, 2006, p.431.

⁴⁵ BOTECA, 2015, p. 429.

tentaram o suicídio. No entanto de cada três pessoas que tentaram se suicidar, apenas uma buscou ajuda em um pronto-socorro.

Quadro 5 - Relação Entre Pensamento Suicida e Suicídio consumado.



Fonte: BOTEGA, Nery. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. p. 233.⁴⁶

Esses dados mostram que os números de suicídios ou tentativas de suicídios registrados em algum serviço de saúde são apenas a ponta do *iceberg*, ou seja, uma pequena proporção daqueles que padecem de mentalidade suicida. Esse comportamento é cada vez mais presente entre os jovens contemporâneos. Isto pode se dar pelo distanciamento e pelo anonimato nas relações, gerando transtornos relacionados à saúde mental e às formas de viver dos jovens atualmente.

1.3.1 Dados estatísticos sobre o suicídio

Por diversas razões suicídio é um assunto que não se fala, mas está presente em quase todas as famílias. Como afirma o teólogo Lúcio de Araújo Vale “A dor causada por um suicídio é silenciada na vida das pessoas e acumulada na história das famílias.”⁴⁷ Por exemplo: quando acontece algum acidente de trânsito com trinta e duas vítimas fatais, o fato se torna manchete em todos os telejornais e tema principal nas redes sociais e rodas de conversa. Todavia, diariamente, igual número de

⁴⁶ BOTEGA, 2015, p. 233.

⁴⁷ VALE, 2017, p. 19.

pessoas dá fim à própria vida em nosso país, e pouco se reflete ou se tem notícia sobre o assunto.

Isso ocorre porque o “suicídio é uma tragédia silenciosa e silenciada, que não costuma aparecer nos veículos de comunicação, devido a um tabu social que tende a ocultar a realidade dos suicídios.”⁴⁸ No entanto se faz necessário refletir com responsabilidade sobre o comportamento suicida, uma vez que, geralmente, a morte por suicídio é apenas a ponta do *iceberg*, de inúmeros jovens que já vêm sofrendo com a angústia, desesperança e perda do sentido de viver há algum tempo.

Conforme apresentado no projeto de lei 10.331./2018 pelo deputado Osmar Terra para a Comissão de Seguridade Social, Família e Cidadania.

As tentativas e consumações de suicídios têm tomado proporções de praticamente uma epidemia entre a população jovem mundial. O crescimento da taxa de suicídio entre adolescentes e adultos jovens tem sido observado nas duas últimas décadas, e o desafio é encontrar medidas que possam prevenir este ato. Uma das medidas preventivas mais eficazes é a detecção precoce de sinais de risco, como: os sintomas depressivos, as autoagressões e as tentativas de suicídio.⁴⁹

Segundo o psiquiatra André de Mattos Salles, médico do Hospital Universitário de Brasília, em entrevista à Rádio Câmara, afirma, que a automutilação pode atingir um em cada cinco adolescentes e jovens adultos no mundo. “Em nosso país, tem aumentado esse número a cada ano. Atualmente é o oitavo no mundo em número de casos.”⁵⁰

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o suicídio já é considerado um problema de saúde pública. Tendo em vista que mais de 800 mil pessoas no mundo morrem por suicídio a cada ano, cerca de uma

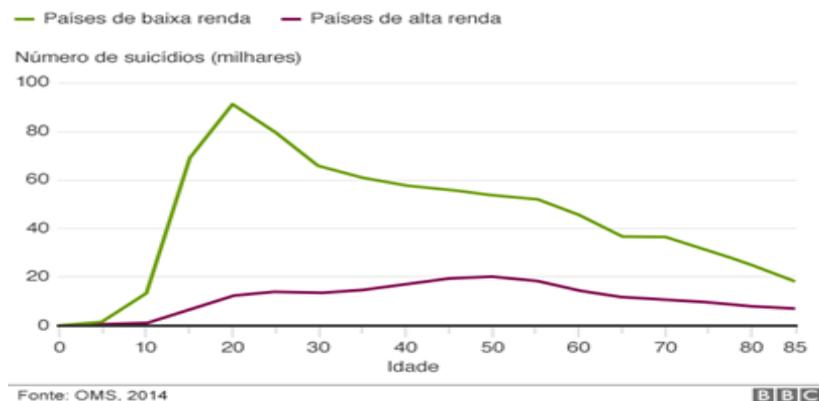
⁴⁸ VALE, 2017, p. 21.

⁴⁹ CAMERA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 10.331. /2018**. Disponível em:< encurtador.com.br/acnxS>. Acesso em: 28 abr. 2019, p. 3.

⁵⁰ CAMERA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 2.

morte a cada quarenta segundos. Já é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Sendo que 75% dos suicídios ocorrem em países de renda média e baixa.⁵¹ Isso pode ser um indício de que o suicídio está relacionado diretamente com as desigualdades sociais. Conforme o mostra o quadro seis.

Quadro 6 - Número Global de Suicídios por Idade e Renda em 2012



Fonte: Organização Mundial da Saúde 2014.

Cabe se destacar do gráfico acima, que nos países de baixa renda existe um pico de suicídios na faixa etária dos 15 aos 30 anos. Justamente no período em que o jovem começa entrar no mercado de trabalho, almejar entrar na universidade, enfim, buscar sua autonomia. Porém em muitos casos isso não lhes é permitido, ou quando conseguem vencer a competição por um emprego, são obrigados a submeter-se a condições desumanas, como trabalho sobre extrema pressão, excessiva carga horária. Entre outras situações em que muitos não suportam e passam a desenvolver problemas de saúde mental e o suicídio é o fim de muitos desses jovens.

⁵¹ NAÇÕES UNIDAS, OMS, 2018.

Na maioria dos países que fazem parte das estatísticas da OMS o número de vítimas por suicídio vem sendo reduzido gradativamente nas últimas três décadas. Contrariando as estatísticas mundiais, o Brasil está entre os oito países que continuam aumentando esses números a cada ano. No Brasil, em 2014, de acordo com dados do Ministério da Saúde, foram contabilizados mais de 16 mil casos de óbito por suicídio, cerca de 32 mortes por dia.⁵²

Quadro 7- Número de suicídio por faixa etária no Brasil em 2014



FONTE: Mapa da Violência

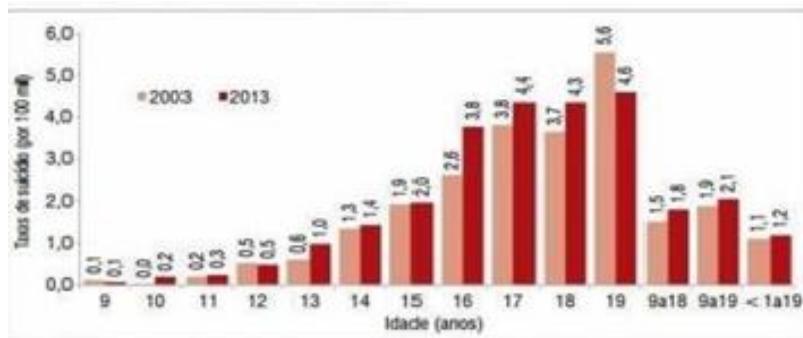
Fonte: Atlas da Violência 2018 – IPEA

Como aparece no quadro seis, nos países de renda baixa houve um aumento entre os jovens. Conforme os dados do Ministério da Saúde, no Brasil, o número de suicídios continua sendo maior entre pessoas idosas. Todavia, o que mais chama a atenção nas últimas décadas é o aumento gradativo entre os jovens, haja vista que no decênio de 2000 a 2012 houve uma alta de 10,4% na população em geral, e de 30% entre os jovens.⁵³ Conforme o gráfico oito, nesse período a faixa etária que apresentava um maior aumento era a de 15 a 18 anos.

⁵² SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<http://setembroamarelo.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

⁵³ SETEMBRO AMARELO, 2018.

Quadro 8 - Relação de mortes por suicídio no decênio de 2003 e 2013, na faixa etária de 9 a 19 anos



Fonte: Violência Letal, Crianças e Adolescentes do Brasil.

Fonte: Violência Letal contra Crianças e Adolescentes do Brasil⁵⁴

Segundo a pesquisa Violência Letal contra Crianças e Adolescentes do Brasil, no período de 1980 a 2013 os suicídios de crianças e jovens de até 19 anos aumentaram de 0,2% para 1%. A porcentagem pode parecer pequena, no entanto, quando essa estatística é elevada a dados reais, este grupo de 1% corresponde a um aumento de 788 jovens que perderam a vida por ano.⁵⁵ Os últimos dados publicados por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) afirmam que de 2006 a 2015 houve um aumento de 24% no número de suicídios de adolescentes no Brasil.

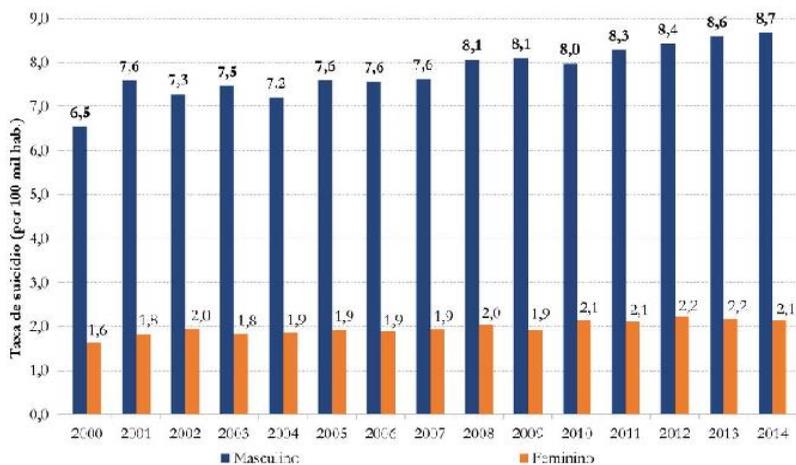
Como já foi dito, não foi possível encontrar dados oficiais confiáveis, em nível nacional, atualizados a partir de 2016 para fundamentar essa pesquisa. Todavia, considerando o crescente e gradativo aumento entre os anos de 2000 a 2016 e levando-se em conta que ainda não existem políticas públicas para prevenção ao suicídio, e que a previsão é que venham a ser postas em prática apenas em 2020, as

⁵⁴ WAISELFISZ, Júlio, J. **Violência Letal contra Crianças e Adolescentes do Brasil**. 2015. p. 43.

⁵⁵ WAISELFISZ, 2015. p. 40.

expectativas não são boas. Tanto que muitos estudiosos da área, fundamentados em dados regionais e de alguns municípios, afirmam que os números continuam aumentando consideravelmente desde 2016. Em vista disso, sem citar números exatos, com base no gráfico abaixo, pode-se ter uma triste projeção dos dados atuais de suicídio de mulheres e homens, se continuar nesse ritmo.

Quadro 9 – Número de suicídio de 2000 a 2014



Fonte: IBGE e DATASUS, 2018 ⁵⁶

Apesar desses dados preocupantes, no Brasil a questão do suicídio e automutilação ainda não são vistos como prioridade. Em 30 de maio de 2018 foi apresentado o Projeto de Lei n. 10331/2018, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser

⁵⁶ DATASUS. **Sistema de Informações de Mortalidade**. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/pextuf.def>. Acesso em 30 Mar. 2019.

implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios a partir de 2020.⁵⁷

Este Projeto de Lei pretende estabelecer a notificação compulsória de episódios de violência auto-provocada, para que os serviços de saúde notifiquem as autoridades sanitárias quando atenderem estes casos, permitindo um melhor controle epidemiológico e atuação rápida e eficaz, principalmente quando as vítimas forem crianças e adolescentes.⁵⁸

Essa lei foi aprovada pelo Senado Federal quase um ano após sua apresentação, em abril de 2019. Todavia, para se tornar lei, essa medida ainda necessita da sanção do presidente Jair Bolsonaro. Quando sancionada, e se for sancionada, essas diretrizes irão regular os planos de saúde, tratamento psicológico diferenciado por hospitais e clínicas, tratamento a pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, a fim de garantir acesso à atenção psicossocial. Além de informar e sensibilizar a sociedade sobre a importância e a relevância das lesões autoprovocadas como problemas de saúde pública passíveis de prevenção, promovendo programas de formação a gestores e profissionais de saúde e da educação.⁵⁹

A eficácia dessa lei é questionável uma vez que as penas para quem inflige tal lei já estão previstas na notificação compulsória da Lei, nº 6.259, desde 30 de outubro de 1975 e não tem surtido resultados. Além disso, a lei estabelece a obrigatoriedade dos profissionais de saúde de notificar os episódios de violência autoprovocada aos órgãos competentes para que se tomem medidas de apoio as vítimas. Todavia, como apresentado anteriormente no quadro cinco, apenas uma em cada três pessoas que tentam suicidar-se buscam ajuda em alguma unidade de Saúde. Portanto, espera-se que essa nova lei invista mais na prevenção,

⁵⁷ CAMERA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 1.

⁵⁸ CAMERA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 4.

⁵⁹ CAMERA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 3.

por meio da capacitação e educação dos jovens, do que em cuidados paliativos e penalização compulsória.

O fato é que até o presente momento não existem políticas públicas concretas eficientes do governo brasileiro que possam prevenir ou ao menos reduzir os índices de suicídio. Para tentar reduzir esses números e suprir a indiferença do Estado, vários institutos filantrópicos ligados a ONG's ou a igrejas desenvolvem campanhas, como o *Novembro Amarelo* e vários outros projetos de apoio e conscientização das pessoas que buscam ajuda, como o *Centro de Valorização da Vida* (CVV), entre outros. Apesar desses esforços, o suicídio continua sendo um assunto pouco discutido, talvez porque ainda não é dada a real importância da abordagem desse problema para a sociedade.

Segundo Libanio, se lançarmos um olhar mais profundo sobre as causas da violência, incluindo a violência contra si mesmo, é possível perceber que é a automutilação e o suicídio, não tem como negar que são resultados da decomposição dos valores que dão sentido à existência. A decadência de tais valores deve-se em grande parte à instância econômica que atinge os extremos da vida humana.⁶⁰

De um lado temos a carência dos bens fundamentais, que atingem a maioria da humanidade, devido ao modelo econômico em vigor. Para as vítimas do sistema, a fome, a miséria, produzem efeitos devastadores sobre o organismo, e o psíquico da criança com marcas indelévels para toda vida. Lá na juventude explodem os efeitos de tal bomba relógio depositada numa infância carente. Por outro lado, a superabundância de bens, gerando uma sociedade do desperdício e do consumismo materialista. Impera uma falta radical de valores espirituais que contrabalançam o desejo de posse e gozo de bens.⁶¹

⁶⁰ LIBANIO, João B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais.** Edições Loyola, São Paulo, 2004, p. 85.

⁶¹ LIBANIO, 2004, p. 85.

Ou seja, tanto pela carência, como pela superabundância de bens materiais, as injustiças econômicas criam brechas físicas, sociais e espirituais, de onde surgem as crises éticas e existenciais, que resultam na perda do sentido da vida própria do outro. Em vista dessa influência, no próximo capítulo será apresentada a intrínseca relação entre o modelo econômico vigente na sociedade atual, com o fenômeno do suicídio juvenil.

2 JUVENTUDES: SOCIEDADE CAPITALISTA E O SUICÍDIO

Não deixes que te roubem a esperança e a alegria, que te narcotizem para te usar como escravo dos seus interesses. [...] Assim, não será uma fotocópia; serás plenamente tu mesmo.⁶²

Conforme apresentado no capítulo anterior, o suicídio juvenil tem crescido consideravelmente nas últimas três décadas, no Brasil e em vários outros países do mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Também nesse mesmo período o capitalismo consolidou-se como um sistema mundial integrado, como afirma Camargo:

[...] o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado e potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana e nenhum setor de produção fique fora do seu controle.⁶³

Desse modo, o modelo econômico passou a controlar não apenas a relação de produção e consumo, mas praticamente todos os níveis das relações humanas.⁶⁴ Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que o capitalismo mundial integrado (CMI) tem grande influência no crescente número de suicídios de jovens no Brasil. Em vista disso, neste capítulo busca-se refletir a relação entre esses dois fenômenos, identificando as influências do modelo econômico vigente em nosso país, com o suicídio de juvenil.

Todavia, cabe-se destacar que o modelo econômico não é a única causa do suicídio ou da automutilação dos jovens. A problemática do

⁶² FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 107.

⁶³ CAMARGO, 2018. p. 72.

⁶⁴ CAMARGO, A. C. Felix Guattari: o capitalismo mundial integrado. In **VII Seminário de Pós-graduação e Filosofia da UFSCar**, 2011, São Carlos, p. 69-76. Anais eletrônicos. São Paulo, UFSCar, 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/gmpW4>. Acesso em: 23 ago. 2018, p. 72.

suicídio juvenil e da automutilação é muito mais complexa do que se possa imaginar, pois as motivações que levam os jovens a tentar contra a própria vida perpassam por variáveis sociais, econômicas, psíquicas, religiosas, etárias, étnicas, geográficas, climáticas, sexuais, e muitos outros fatores que seriam impossíveis de serem abordados todos em uma única pesquisa. Como escreveu o jovem Karl Marx ainda em 1846:

[...] não se pode pretender medir a sensibilidade dos homens usando-se uma única e mesma medida; não se pode concluir pela igualdade das sensações, tampouco pela igualdade dos caracteres e dos temperamentos; o mesmo acontecimento provoca um sentimento imperceptível em alguns e uma dor violenta em outros.⁶⁵

Em vista desta complexidade, este capítulo limita-se a pesquisar as influências do CMI no fenômeno do suicídio de jovens brasileiros, tendo como ponto de partida a obra clássica de Émile Durkheim - *O suicídio: Estudo de Sociologia*, e a obra de Karl Marx, *Sobre o Suicídio*.

Apesar de alguns pontos contraditórios entre os autores no que se refere ao modelo de sociedade ideal, as posições de ambos podem contribuir para uma primeira compreensão do tema do suicídio como um problema social. Durkheim não apresenta oposição ao modo de produção capitalista, embora reconheça que o suicídio é resultado dessa sociedade. Sua preocupação é evitar uma sociedade anômica, sem regras. Por outro lado, Marx vê no modo de produção capitalista o ponto central de todos os problemas sociais. No entanto, ambos concordam que as patologias sociais, no caso o suicídio, são sintomas de uma realidade *sui generis*, ou seja, uma realidade exterior e superior ao indivíduo, em síntese, são sintomas de uma sociedade doente.⁶⁶

Segundo vários autores, tanto modernos como contemporâneos, crentes e ateus, a vida humana está perdendo sua sacralidade e sua razão de ser em si mesma. Tornando-se apenas uma coisa, manipulável e

⁶⁵ MARX, Karl. **Sobre o suicídio** Trad. R. Enderle & F. Fontanella. São Paulo: Editorial Bontempo, 2006, p. 64.

⁶⁶ VARES, 2018, p. 30.

descartável, conforme os interesses do momento e do mercado, segundo a ética utilitarista. Como afirma Marx: “Os objetos adquirem como que vida própria e se tornam mais importantes do que a singularidade humana, plenamente subjugada pelo mecanismo social do dinheiro, regido por dispositivos artificiais que negam a condição humana.”⁶⁷

Nesse sentido, também, o Papa Francisco em sua primeira Exortação apostólica, *Evangelii Gaudium* chama atenção para a cultura do descartável. “O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás, chega a ser promovida.”⁶⁸

Na sociedade do descartável, quando o ser humano perde seu valor comercial, é tratado como resíduo, sobra de mercadoria que é excluído, jogado fora. Portanto, pode-se afirmar que capitalismo global mata de forma direta e indireta, na medida em que instrumentaliza as pessoas e principalmente os jovens.⁶⁹

Essa temática também é retomada pelo Papa Francisco na sua última exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, aos jovens e para todos os cristãos do mundo.

Muitos jovens são mentalizados, instrumentalizados e utilizados como carne de canhão ou como força de choque para destruir, intimidar ou ridicularizar outros [...] Tornando-se assim presa fácil de propostas desumanizadoras e dos planos destrutivos elaborados por grupos políticos ou poderes econômicos.⁷⁰

A cultura do descartável direciona o comportamento dos indivíduos, principalmente dos jovens, por meio da modelização das

⁶⁷ MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 94.

⁶⁸ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano: 2013, não paginado; EG. Disponível em: <encurtador.com.br/hoDQ0>. Acesso em: 15 abr. 2013, não paginado, EG 68.

⁶⁹ FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 68.

⁷⁰ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 73.

subjetividades para que vivam de acordo com os interesses do mercado. Diante da dessacralização e relativização da vida, propagada por essa cultura de morte e pela ética utilitarista, percebe-se que o quinto mandamento, “não matar” já não assegura o valor da vida humana na sociedade pós-moderna secularizada e indiferente.⁷¹ Em vista disso fica claro a influência da sociedade no suicídio, tema que será abordado na próxima seção.

2.1 O SUICÍDIO E SOCIEDADE

Olhando para a história percebe-se que sempre existiram pessoas que atentaram contra a própria vida por diversas razões. No entanto, como o foco desta pesquisa é identificar as influências do sistema capitalista no suicídio juvenil, seguimos a orientação do sociólogo Sidnei Ferreira de Vares, quando diz que: para se compreender as relações entre o modelo econômico e o fenômeno do suicídio, contemporaneamente deve-se voltar ao século XIX, quando a França era marcada por profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.⁷²

Esse período foi o auge da urbanização, industrialização, consolidação do modo de produção capitalista, da exploração do proletariado e das mazelas sociais decorrentes desse processo.⁷³ Também o grande número de suicídios na Europa chamou a atenção de alguns pensadores dessa época, principalmente, de Èmile Durkheim, que passou a “[...] investigar o fenômeno do suicídio sob uma perspectiva sociológica, partindo da hipótese de que a sociedade determina a triste decisão da pessoa dar fim a sua existência”.⁷⁴

Essa mesma visão já era compartilhada por Marx em sua obra *Sobre o Suicídio*, quando afirma que o suicídio pode ser derivado de um

⁷¹ FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 68.

⁷² VARES, Sidnei F. O problema do suicídio em Èmile Durkheim. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, vol. 13, nº. 18, 2017 p. 13-36. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/15869-59521-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018, p. 15

⁷³ VARES, 2018, p. 15.

⁷⁴ VARES, 2018, p. 15.

vício constitutivo da sociedade, haja vista que os números aumentam em épocas de crise econômica.⁷⁵ Marx vê o suicídio como um dos sintomas da luta social, segundo ele, da forma como a sociedade capitalista está organizada já é esperado um elevado número de suicídios, uma vez que os indivíduos da classe trabalhadora são explorados até suas últimas forças, de modo que o trabalho é a única razão para viver e morrer.⁷⁶ Desse modo “o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral.”⁷⁷

Por outro lado, distintamente de Marx, Durkheim busca olhar a sociedade como um todo, não apenas a partir da luta de classes. Seu olhar volta-se não para a ação isolada deste ou daquele indivíduo ou grupo social, mas para a média de suicídios no interior de uma sociedade determinada.⁷⁸ A partir dessa percepção Durkheim investiga o fenômeno do suicídio como um fato coletivo de ordem social e não como uma psicopatologia, diferentemente nos outros pesquisadores da época. Assim, Durkheim define como suicídio “[...] todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, executado pela própria vítima, que ela sabia que deveria produzir esse resultado.”⁷⁹

Desse modo, ele engloba como suicídio tanto os casos de suicídios positivos diretos como os negativos indiretos. O caso positivo direto se dá quando, o suicídio requer uma ação do autor e que resulta em morte imediata. Já, o caso negativo indireto consiste em negar-se a fazer algo, sabendo que o resultado dessa ação negativa é a morte a médio ou longo prazo.

O sociólogo francês analisa os modelos de sociedades no final do século XIX a partir de três áreas (família, religião e trabalho), percebendo que cada sociedade tem uma predisposição diferente ao suicídio.⁸⁰ Partindo dessa tríplice análise, Durkheim procura demonstrar que o

⁷⁵ VARES, 2018, p. 15.

⁷⁶ MARX, 2006, p. 30.

⁷⁷ MARX, 2016, p. 20-50.

⁷⁸ VARES, 2018, p. 23.

⁷⁹ DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Edipro, 2014, p. 212.

⁸⁰ DURKHEIM, 2014, p. 221.

suicídio é resultado de um processo pelo qual a sociedade forma os indivíduos. Pois, segundo ele, são as inter-relações que o indivíduo tem com a sociedade que definem sua predisposição ao suicídio. A partir dessas análises ele elenca quatro tipos de suicídios que resultam dessas inter-relações: suicídio egoísta, altruísta, fatalista e anômico.⁸¹

O suicídio *egoísta* é resultante de uma integração social muito frágil, em que o indivíduo tira a própria vida por não sentir-se vinculado a nenhuma instituição ou grupo social. O *altruísta* resulta de uma forte integração social, isto é, de uma identificação absoluta do indivíduo com a coletividade, a ponto de negar totalmente sua individualidade. O *fatalista* resulta da inflexibilidade das normas morais, como o moralismo ou o conservadorismo a ponto de o indivíduo perder a motivação para viver.⁸² Por fim, o suicídio *anômico*, que merece uma atenção especial nesta pesquisa, haja vista que suas características estão muito presentes na sociedade contemporânea.

Como afirma Pedro, esse tipo de suicídio (anômico) resulta do enfraquecimento dos mecanismos reguladores da sociedade, como educação, religião e família entre outros, e geralmente se dá em fases de crises das estruturas sociais e econômicas.⁸³ O termo “*anomia*” foi cunhado por Durkheim e significa “ausência de normas”, uma etapa temporária, produto das rápidas transformações sociais, perda da fé em seu sentido mais amplo e das tradições. Essa etapa, para ele, é superada a partir do momento em que grupos de interesses determinam novas regras a fim de regulamentar o que se encontra “desajustado” na sociedade.⁸⁴

Em síntese, Durkheim afirma que cada um dos tipos de suicídio corresponde a uma patologia social. Desse modo, o suicídio anômico ocorre pela decepção produzida pelo estilo de vida moderna; o egoísta se manifesta por um estado de apatia e pela ausência de vinculação à vida

⁸¹ PEDRO, Jullyanne R. O suicídio enquanto um fenômeno sócio-histórico: possíveis atuações e desafios da Psicologia. **II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde – COBRACIS**, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/ghAIW>. Acesso em: 16 out. 2018.

⁸² VARES, 2018, p. 25.

⁸³ PEDRO, 2018, Não paginado.

⁸⁴ HERCULANO, Selene. **Em busca da boa sociedade**, Niterói: EDUFF, 2006, p. 35.

social; o altruísta, pela energia e pela paixão; e enfim o suicídio fatalista, pelo sufocamento produzido pela tensão entre desejos e os valores sociais internalizados.⁸⁵

Um pensamento central presente nas obras de Durkheim, é que nenhuma sociedade pode subsistir sem um conjunto de leis, normas, preceitos, valores e tradições que se impõem, mais ou menos coercitivamente, para ajudar o indivíduo a plasmar sua visão de mundo e a determinar o seu lugar no meio social.⁸⁶

Fundamentando-se nesse pensamento, Durkheim, percebe que com o advento da Revolução Francesa e a ascensão do modo de produção capitalista, as forças integrativas das instituições (estado, religião e família) foram relativizadas. Por outro lado, com a ascensão da indústria, do mercado e a divisão do trabalho no mundo moderno, fizeram com que a “ocupação profissional se tornasse o único meio capaz de preencher o vazio, limitar os desejos incontidos e estabilizar as relações entre o Estado e os indivíduos.”⁸⁷ Já que os outros valores e instituições (educação, religião e família) haviam perdido seu poder de controle e integração social.

2.2 SUICÍDIO E SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Até aqui se buscou mostrar que, tanto no século XIX quanto no século XX, o suicídio tem causas sociais e coletivas, não apenas individuais como afirmam alguns autores. Todavia, a partir dos anos de 1990 na chamada era pós-moderna⁸⁸ o capitalismo assumiu uma nova

⁸⁵ DURKHEIM, 2014, p. 198.

⁸⁶ DURKHEIM, 2014, p. 167.

⁸⁷ DURKHEIM, 2014, p. 201.

⁸⁸ Nesta pesquisa compreende-se o conceito de Pós-modernidade em duas dimensões, no sentido temporal que compreende desde o fim dos anos 80 até os dias atuais, como também uma estrutura sociocultural caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista marcado por uma sociedade instável, fluida. Como afirma o sociólogo Krishan KUMAR, “a era pós-moderna é um tempo de opção incessante. É uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente

roupagem, em nível global, integrado ou total, ou seja, o modelo econômico é quem dita as regras em todos os níveis das relações humanas.

Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas de poder muitas vezes anônimo.⁸⁹

Apesar das transformações sociais, desde a época de Durkheim até a sociedade líquida e descartável apresentada por Bauman, pode-se encontrar muitas semelhanças, no que diz respeito a sua origem e consequências. Como é o caso do suicídio anômico, que segundo Aquino a “anomia é uma característica das sociedades modernas que traz à sensação de vazio e à percepção de perda de valores”. Quando a vida é percebida desta forma, o resultado pode ser a autodestruição, já que o indivíduo não encontra razão para viver e lutar.⁹⁰

Como foi apresentado, no início do capitalismo industrial, o homem moderno produzia produtos e buscava manipular o consumidor pela publicidade e propaganda para que consumisse os produtos fabricados. “Atualmente as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzir o produto.” Portanto, pode-se dizer

têm alguma validade.” Não se pretende definir o conceito de pós-modernidade, com esse título busca-se apenas marcar um novo tempo caracterizado por novos desafios, mentalidades e estruturas em relação a modernidade. (KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 199, p.15.)

⁸⁹ FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 78.

⁹⁰ AQUINO, Thiago A. **Atitudes e intenções de cometer o suicídio: Seus correlatos existenciais e formativos**. 2009. Tese (Doutorado). URPA. João Pessoa. Disponível em:

<http://www.vvgouveia.net/en/images/Teses/Aquino_T._A._A._2009.pdf>

Acesso em: 18 out. 2018, p. 61

que o jovem consumidor atual é resultado das grandes empresas, feitos e modelados para consumir aquilo que é produzido, e quando por alguma razão não conseguem adquirir tal produto para o qual foi feito sente-se infeliz, incompleto. No entanto, mesmo que consiga adquirir tal produto, vai sentir a necessidade de outro, porque seus desejos estão em constante modelização por meios das mídias.⁹¹

Neste ponto Bauman nota que, diferentemente da sociedade de produtores dos séculos XIX e XX onde a força de trabalho foi transformada em mercadoria, a modernidade líquida do século XXI é singularizada pela mercadorização do próprio ser humano. A veracidade desta constatação pode ser confirmada pelo avanço da publicidade e do mundo virtual por meio das redes sociais, exemplos que mostram o engajamento e a preocupação dos indivíduos com a autopromoção de seus atributos físicos, intelectuais e materiais.⁹²

Até os anos de 1980, muitos militantes e revolucionários criticavam as instituições, principalmente a Igreja, como responsável pela homogeneização dos indivíduos. Segundo Comblin muitos afirmavam:

As instituições inculcam nos seus membros um profundo sentimento de culpabilidade. Agem por meio de reguladores, cuja finalidade é culpabilizar os indivíduos. Graças a esses reguladores o sujeito sente-se sempre culpado, ou pelo menos suspeito de ser culpado de algo, ele se reprime até o ponto de ser instrumento da instituição.⁹³

Essas acusações que eram feitas principalmente para a Igreja Católica, agora na pós-modernidade podem ser atribuídas perfeitamente

⁹¹ SANTOS, Milton. **Por uma nova Globalização**: do pensamento único a consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2001, p. 48.

⁹² BITTENCOURT, Renato N. Do amo socrático ao mor líquido. **Revista Húmus**, Set/Out/Nov/Dez. 2012, n. 6. p. 41-56. Disponível em: <file:///C:/Users/Ciente/Downloads/1547-14992-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018, p. 43.

⁹³ COMBLIN, José. **O Liberalismo**: Ideologia dominante na virada do século. Coleção Teologia da Libertação. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 91.

ao mercado, e muitos desses críticos, hoje são ex-militantes e ex-revolucionários que desiludidos e sem esperança na transformação da sociedade, defendem a ideologia de que qualquer tipo de militância por uma causa maior é absurda. Segundo Comblin esses mesmos agora dizem, “agora quero viver, agora quero gozar a vida”. Todavia, no presente contexto, a alegria de viver e gozar a vida significa consumir exaustivamente.⁹⁴ Já que “o pós-moderno não tem futuro para construir, vive o tempo presente e mais nada.”⁹⁵

Esses sujeitos emancipados outrora alimentavam muitas utopias transformadoras. Todavia não tinham Esperança, tudo que acreditavam se limitava a materialidade histórica. Como veremos no terceiro capítulo, é a Esperança em Deus que alimenta as utopias. Sem Esperança, as utopias por melhor que sejam, estão fadadas a esvaziar-se e facilmente serão manipuladas pelas armadilhas da publicidade e tornam-se súditos do que antes condenavam.

Na sociedade onde o capitalismo neoliberal reina solitário, as patologias sociais destacadas por Marx e Durkheim, são potencializadas pela modelização das subjetividades, pela midiaticização massificadora, *mass media mundial*, pela instrumentalização ou coisificação dos indivíduos, a ponto do ser humano assumir o status de mercadoria, e a vida passa a ser apenas mais um bem de consumo usável e descartável pela sociedade. E nesse contexto os jovens são as maiores vítimas desse sistema.⁹⁶

2.2.1 Modelização das subjetividades e a instrumentalização da vida

Fairbair na abertura de seu livro *Reflexões em torno do suicídio*, citando Chopman, afirma:

⁹⁴ COMBLIN, 2001, p. 91.

⁹⁵ COMBLIN, 2001, p. 91.

⁹⁶ GUATTARI, Felix. ROLNIK, Sandra. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996, 1996, p.4

Com a morte, a pessoa deixa de se envolver num relacionamento interpessoal e se torna numa coisa que os contemporâneos sepultam debaixo da terra. O ato pelo qual a pessoa se transforma a si mesma numa coisa chama-se suicídio.⁹⁷

Nessa afirmação Chopman não considerava os mecanismos sociais ou psíquicos que levam o ser humano a tornar-se uma coisa, ou tirar a própria vida. Neste sentido, Chagas recordando as palavras de Marx, enfatiza condição trágica da subjetividade no processo de coisificação e anulação dos sujeitos. Marx destaca a produção de uma subjetividade mutilada, esvaziada, para qual a realidade aparece como um mundo exterior.⁹⁸ Nesse mesmo sentido também Francisco escreve aos jovens:

Esta colonização ideológica prejudica de forma especial os jovens. Ao mesmo tempo, vemos como certa publicidade ensina as pessoas a estar sempre insatisfeitas, contribuindo assim para a cultura do descarte, onde os próprios jovens acabam transformados em material descartável.⁹⁹

Em sua obra clássica *O capital*, Marx “anuncia a morte do sujeito em condições fetichizadas, em que mesmo livres e conscientes, tornam-se coisas vivas de ordem mercadológica, por isso são manipuláveis pelo mercado.”¹⁰⁰ Nesta mesma linha o Papa Francisco exorta a Igreja para ter cuidado com a fetichização ou endeusamento do dinheiro e a relativização do ser humano.

Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um

⁹⁷ FAIRBAIR, 1990, p. 4.

⁹⁸ CHAGAS, E. F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, Maio/Ago. 2013, p.71.

⁹⁹ FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 78.

¹⁰⁰ CHAGAS, 2013, p. 70.

objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, investe [...] sobretudo na grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo.¹⁰¹

Como diz Bauman, no ápice da era líquida, o ser humano se despersonaliza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para em seguida vir a ser descartado por outrem, quando esta figura se enfada do uso continuado do objeto “homem” e facilmente é repostado por modelos similares. Já que “numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”.¹⁰²

Na sociedade atual os padrões sociais são modelados pelos mecanismos de modelização das subjetividades, que por sua vez estão intrinsecamente relacionadas com o modo produção capitalista mundial integrado (CMI). Como afirmam Grattari e Rolnik:

Os operadores que atuam nesta produção das subjetividades valem-se do saber moderno que, tomando o homem como objeto de estudo, o esquadrinhou sob os recortes da psicologia, sociologia, antropologia, da pedagogia e das ciências humanas em geral. Este saber, como instrumento de exercício de poder, norteia a utilização de novas tecnologias de comunicação de massa e de informatização, bem como a utilização de novos equipamentos coletivos, para uma efetiva intervenção sobre o inconsciente das pessoas, agenciando devires, mobilizando desejos, anseios e outras intensidades segundo um conjunto de códigos previamente estabelecidos, a partir dos quais as performances individuais se desenrolam

¹⁰¹ FRANCISCO. 2013, não paginado; EG 55.

¹⁰² BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 45.

em função dos interesses daqueles que as agenciam.¹⁰³

Desse modo, os padrões de subjetividade, formados pelo CMI, se impõem aos sujeitos como a única alternativa possível, o que os obriga a sujeitar-se ao sistema.¹⁰⁴ Segundo Guattari existe apenas uma cultura, a capitalista, que permeia todos os campos das expressões semióticas, desde a cultura popular até a erudita. E, dependendo do contexto ela define os padrões a serem seguidos impondo uma homogeneização sociocultural, que nega as singularidades e a heterogeneidade particular de cada cultura, por meio de um conjunto de operadores sociais modeladores, que são usados pelo CMI para ter controle total de todos os níveis da sociedade.¹⁰⁵

A ordem capitalista produz os modos de relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo.¹⁰⁶

Nesta mesma linha, Boff destaca que a integração de todos os mercados, (mercado total) é o maior problema no modo de produção capitalista neoliberal, uma vez que neste mercado só se entra e se sustenta pela competitividade, já que possui uma lógica excludente. Considerando-se que as grandes empresas e nações que detêm as

¹⁰³ GUATTARI, 1987, p. 170 – 171.

¹⁰⁴ GUATTARI, 1987, p. 211.

¹⁰⁵ GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**. Brasiliense: São Paulo. 1987. p. 170.

¹⁰⁶ GUATTARI, 1987, p. 211.

tecnologias mais avançadas, raramente serão igualadas ou superadas e uma luta desigual.¹⁰⁷

Essa percepção já era intuída por Marx quando afirma:

[...] a crítica da sociedade burguesa não se pode limitar à questão da exploração econômica – por mais importante que seja. Ela deve assumir um amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressivos. A natureza desumana da sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas origens sociais.¹⁰⁸

Assim voltamos ao estudo dos casos de suicídio realizado por Marx, quando ele apresenta uma crítica à sociedade francesa moderna, uma crítica ética e social que depositava toda responsabilidade do suicídio na própria vítima, eximindo os mecanismos sociais das suas respectivas responsabilidades. Nesse sentido olhando para a indiferença da sociedade moderna, escreve Marx citando Jean-Jacques Rousseau:

[...] a sociedade moderna é um deserto, habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosa, de guerra de todos contra todos, somente o que resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio.¹⁰⁹

Também Francisco olhando para a indiferença da sociedade globalizada do século XXI, marcada pelo individualismo, pelas bolhas

¹⁰⁷ BOFF, Leonardo. **Civilização planetária**: desafios da sociedade e o cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante. 2003, p. 37.

¹⁰⁸ MARX, 2006, p.17.

¹⁰⁹ MARX, 2006, p.16.

sociais que unem os iguais por conveniência e exclui o diferente. Uma sociedade que consciente ou inconsciente luta com todas as forças para manter esse ideal egoísta e consumista propagado pelas mídias de massa a serviço do mercado. Uma sociedade que faz de tudo para acompanhar os lançamentos do mercado, mas que por outro lado é totalmente alheia, indiferente ao sofrimento e às dores do outro.

Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma.¹¹⁰

2.2.2 A cultura de morte os deuses do mercado

Para Hinkelammert, sistema de morte é “toda a ação intencional ou não intencional, que atenta contra a reprodução real da vida humana ecológica, biológica e social.”¹¹¹ O sistema de morte se materializa no automatismo do mercado capitalista, como mecanismos destruidores que se reproduzem em todos os níveis da sociedade, que impossibilitam a satisfação das necessidades básicas de subsistência dos sujeitos.¹¹²

Sobre a capacidade destruidora do modelo capitalista Marx já alertava que “o modo de produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social, ao minar simultaneamente

¹¹⁰ FRANCISCO. 2019, não paginado; EG 54.

¹¹¹ HINKELAMMERT, Franz. **Crítica da razão utópica**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 269.

¹¹² HINKELAMMERT, 1986, p. 270.

as fontes de toda a riqueza: da terra e do trabalhador”.¹¹³ Ou seja, a dignidade da vida humana não é considerada no processo de produção, e caso houver algum dano contra a vida, é apenas um detalhe sem importância, diante do objetivo final do sistema de morte, que é o lucro e a máxima produtividade.¹¹⁴ Como afirma Francisco na *Evangelli Gaudium*:

[...] A ambição do poder e do ter não conhece limites. Neste sistema que tende a fagocitar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefeso face aos interesses do mercado divinizado, transformado em regra absoluta.¹¹⁵

Neste sentido, Berenchtein Netto afirma que a sociedade capitalista é caracterizada pela exploração e profundamente marcada pela opressão, desigualdade, competitividade e pelo individualismo.¹¹⁶ O desejo de morte proveniente dessa sociedade capitalista só poderia ser transformado através da busca pela liberdade do sistema social opressivo e explorador, à partir de diálogos reflexivos, visando alcançar a emancipação do sujeito a este sistema perverso.¹¹⁷

A sacralização da ideologia neoliberal foi imposta como único caminho possível para a sociedade. O mercado é o substituto secularizado da Igreja. A ponto de muitos afirmarem que “fora do mercado internacional não a salvação. [...] O deus dinheiro tornou-se o único e absoluto que subsiste, tomou o lugar de Deus.”¹¹⁸

¹¹³ MARX, 2006, p. 133.

¹¹⁴ HINKELAMMERT, Franz. **As armas ideológicas da morte**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 97.

¹¹⁵ FRANCISCO. 2013, não paginado; EG 56.

¹¹⁶ BERENCHTEIN NETTO, N. **Suicídio**: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007, p. 20.

¹¹⁷ BERENCHTEIN NETTO, 2007, p. 22.

¹¹⁸ HINKLAMMERT, Franz. **El Grito Del sujeto**. San José: DEI, 1998, p. 23-30.

Com Base na teologia paulina, Hinklammert relaciona a lei do mercado com a Lei judaica, que segundo Paulo tornou-se cega, por não conseguir ver a sua consequência destruidora na vida das pessoas. Portanto, submeter-se a um sistema econômico, é submeter-se a uma ilusão, somente a liberdade em Cristo pode salvar. O mercado deve submeter-se às necessidades das pessoas, não as pessoas aos interesses do mercado.¹¹⁹

A ideologia do sacrifício muito utilizada no Antigo Testamento volta a ser aplicada para justificar os abusos dos protagonistas do mercado, dizendo, “não se pode chegar a meta, sem que haja vítimas. Pregam que os sacrifícios são inevitáveis, já que para alcançar o fim sacrificam-se os meios”¹²⁰ Partindo desse pressuposto, em nome do progresso econômico, inúmeras vítimas vão ficando sepultadas pelo caminho. Enquanto se vislumbram as maravilhas do progresso econômico, o sangue das vítimas pisado pela procissão que caminha sem peso na consciência, simplesmente porque está cega pelos deuses do consumo.

Essa lógica é totalmente contra o Evangelho que coloca a vida humana em primeiro lugar, como afirma Hinklammert, “não pode haver pessoas sacrificadas para que outras fiquem mais ricas”.¹²¹ O processo de individualismo extremo pregado nos altares do capitalismo estabelece entre as pessoas uma relação de comprador e vendedor, de modo que um busca lucrar o máximo na relação com o outro.

Essa relação é condenada por Jesus. No Evangelho quando Jesus conta a parábola do bom samaritano o outro é colocado no caminho, para que possa ser amado e servido.¹²² Portanto, não podemos cair na falsa utopia anunciada pelos pais do neoliberalismo, de que o individualismo produz a comunidade solidária e amor de todos por todos.¹²³

Segundo o Papa João Paulo II em sua Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, publicada por ocasião do vigésimo aniversário da *Populorum*

¹¹⁹ HINKLAMMERT, 1998, p. 28 – 42.

¹²⁰ COMBLIN, 2001, p. 131.

¹²¹ HINKLAMMERT, 1998, p. 31.

¹²² Lc 10, 25-37.

¹²³ COMBLIN, 2001, p. 131.

Progressio, afirma que “não se chegará facilmente à compreensão profunda da realidade, conforme ela se apresenta aos nossos olhos, sem dar um nome à raiz dos males que nos afligem”.¹²⁴ Segundo o Papa são duas as raízes das estruturas do pecado, que assolam a sociedade, “a avides exclusiva de lucro” e a sede de poder.¹²⁵

A religião poderia colaborar muito para suprir esse vazio, dar uma nova esperança concreta, um novo sentido para a vida que não alienasse ainda mais os jovens. Todavia, muitas denominações religiosas entraram na ciranda do consumismo e na lógica do mercado. Seguindo na esteira de alguns pastores neopentecostais estão fazendo da religião uma forma de ganhar dinheiro, oferecendo produtos que agradam os fregueses. A evangelização torna-se marketing e publicidade, e a mensagem de vida, esperança contras injustiças ensinada por Jesus, são deixadas de lado para não prejudicar o negócio.¹²⁶

2.2.3 Uma sociedade sem Esperança

Percebe-se que os equipamentos coletivos, os meios de comunicação e a publicidade, interferem nos níveis mais íntimos da vida humana provocando ações e reações muitas vezes drásticas. Levando os jovens a viver num individualismo extremo, obrigados a submeter-se a uma competição injusta, onde a sociedade transforma-se na arena em que os jovens precisam lutar uns contra os outros para sobreviver. Essa realidade competitiva que surge no mercado de trabalho repercute em todos os outros níveis das relações humanas, fazendo com que cada indivíduo se isole cada vez mais e torne-se cada vez mais indiferente a dor do irmão.¹²⁷

¹²⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Paulinas: São Paulo, 1987, p. 21, SRS 27.

¹²⁵ COMBLIN, 2001, p. 130.

¹²⁶ COMBLIN, 2001, p. 139.

¹²⁷ LIBANIO, 2004, p. 142.

Nesse cenário secularizado, de competição descabida, de consequentes e sucessivos fracassos, muitos jovens não suportam a pressão, sem uma esperança que os façam transcender aos limites impostos pelo sistema, perdem as utopias e passam a desenvolver doenças psíquicas de saúde mental.¹²⁸ Na busca de um sentido para viver e mostrar o que estão sentindo, os jovens apresentam de forma inconsciente sua insatisfação com o mundo no próprio corpo. Como afirma Frei Betto:

Quando não se quer mudar o mundo privatiza-se o sonho, modificando o cabelo, a roupa, a aparência. Quando não se ousa pichar os muros, faz-se tatuagens para marcar no corpo sua escolha de valores. Quando não se injeta utopia na veia se injeta drogas.¹²⁹

Segundo Batista “a maioria das pessoas que tentaram suicídio sentiam um grande vazio existencial e uma desesperança.”¹³⁰ Essa falta de esperança está cada vez mais presente entre os jovens na contemporaneidade. Estes sentimentos estão diretamente relacionados à falta de saúde mental, consequentemente na falta de motivação para viver e transformar a sociedade. Como afirma Durkheim “a vida, só é tolerável quando percebemos nela alguma razão de ser, quando ela tem um objetivo, e que valha a pena”.¹³¹ Assim, percebe-se que a sensação de vazio existencial ou perda de sentido de vida, está relacionada com a intenção de cometer suicídio.

Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista destes dramas dos seus filhos jovens. Não devemos jamais habituar-nos a isto, porque, quem não sabe chorar, não é mãe. Queremos chorar para que a própria sociedade seja mais mãe, a fim de que, em

¹²⁸ SAKAMOTO, 2018, p.7.

¹²⁹ BETTO, 2014, p. 56.

¹³⁰ BAPTISTA, M. N. **Suicídio e depressão: atualizações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004, p.16.

¹³¹ DURKHEIM, 2014, p. 260.

vez de matar, aprenda a dar à luz, de modo que seja promessa de vida.¹³²

Em vista desta sociedade sem esperança, subjugada às mazelas da cultura de morte propagada pelo CMI, no próximo capítulo buscar-se-á mostrar que um outro mundo é possível, e a esperança cristã pode ser uma força utópica e propulsora capaz de transformar a realidade concreta, em vista do ainda não visível. Nesse sentido é que apresentamos a esperança concreta como uma forma de superar a dor e o sofrimento, e assim abrir novos horizontes para o valor e a beleza da vida. Como diz Boff “para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida”.¹³³

O atual vazio de sujeito e a falta de perspectivas para um futuro imediato têm contribuído para a resignação de muitos à ditadura do presente. Estaria, então, a esperança dos pobres, hoje, órfã de utopia. Morreu a utopia ou morreram certas utopias que se sobrepuseram à esperança e transformaram-se em ideologias totalitárias?

De acordo com Brighenti o jovem não perdeu a esperança, apenas se libertou de algumas ideologias totalitárias é não colocou nada em seu lugar deixando um vazio está sendo ocupado pelo consumismo. Todavia o mercado não consegue e não quer suprir o vazio existencial que existe nos jovens com bens de consumo, deixando o sempre uma sensação de insatisfação. Isso contribui para a falta de perspectivas para o futuro, vivendo escravos do presente.

¹³² FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 75.

¹³³ BOFF, 2003, p. 91.

3 A ESPERANÇA CRISTÃ COMO FORÇA UTÓPICA

Devemos perseverar no caminho dos sonhos. [...] Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando às pressas. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança. [...] Ainda que erres, poderás sempre levantar a cabeça e voltar a começar, porque ninguém tem o direito de te roubar a esperança.¹³⁴

Conforme apresentado anteriormente, as incertezas e valores líquidos da modernidade fazem com que as pessoas e principalmente os jovens vivam na instabilidade, na ansiedade, com medo, sem uma projeção de futuro para além dos limites que lhes são impostos pelo mercado, ou seja, vivem sem utopias e sem Esperança. Essa condição de insegurança é incentivada pelo sistema capitalista, para manter as pessoas presas no imediatismo. Nesse sentido Bauman, mostra-nos que nos tempos atuais a esperança parece algo inalcançável, uma utopia impossível, porém, fundamental para nortear a vida do ser humano.

A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade “genuína” adequada e total, sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele.¹³⁵

¹³⁴ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 142.

¹³⁵ BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p.31-32.

O ser humano antropologicamente é um ser de esperança, aberto para o transcendente, por isso a esperança é uma parte essencial do ser humano. Essa esperança pode estar em Deus ou nos fetiches que o mundo nos apresenta. No entanto vivemos uma crise de sentidos que é resultado de processos históricos e manipulações ideológicas que tiraram dos jovens a capacidade de sonhar e criar utopias. Em vista disso, muitos vivem anestesiados pelo mercado, em uma contradição entre o que se vê e o que se quer. “A uma multidão de jovens que desejam apenas um lugar ao sol, contudo não conseguem dar-se conta das espessas sombras que lhe fecham os horizontes.”¹³⁶

Segundo Brighenti, são as crises da existência, que fazem com que muitos jovens vivam desesperançados. Elas aparecem quando os horizontes que davam sentido à vida deixam de existir. Ou seja, essas crises resultam do vazio e da insegurança causada pela lacuna de algo que até então dava segurança e por alguma razão deixou de existir. São nestes momentos que a esperança é uma alternativa para reencontrar novas utopias para viver e lutar.¹³⁷

Como já citado anteriormente, o jovem só vai atentar contra a própria vida, quando não conseguir ver outra saída para acabar com o sofrimento e a angústia que está sentindo. Em outras palavras, a pessoa só vai tirar a própria vida quando não tiver mais Esperança ou não conseguir ver além do horizonte, do sofrimento e da angústia que está sentindo.

Em vista disso apresentamos a esperança cristã como uma força propulsora capaz de auxiliar a suportar as adversidades, os momentos difíceis e dolorosos da vida. Na esperança, podemos aceitar as coisas que acontecem conosco; não apenas as boas são bem-vindas, mas também as dolorosas, diante das quais se encontram forças para reagir. “A esperança, enquanto projetada ao futuro, orienta a ação, gera entusiasmo e coragem, alenta o viver. Na esperança, a espera se sente acompanhada pela confiança e o otimismo.”¹³⁸

Nesse sentido é que vemos na esperança cristã um caminho de prevenção ao suicídio, tendo em vista que ela dinamiza a existência,

¹³⁶ BETTO, Frei. **Reinventar a vida**. Vozes: Petrópolis, 2014, p.104.

¹³⁷ BRIGHENTI, sem data, p. 6.

¹³⁸ BRIGHENTI, sem data, p. 8.

perpassando toda a história pessoal do indivíduo, atravessa os momentos felizes e dolorosos. Fazendo com que possamos vislumbrar nas possibilidades do futuro a felicidade plena. Na esperança se busca uma meta que está para além dos momentos bons ou ruins da vida, nela percebemos que tudo passa, não apenas os momentos alegres e vivazes, mas também os negativos e sofridos, apenas o Amor permanece.

Todavia, para abordar o tema da esperança cristã como caminho de prevenção ao suicídio juvenil, deve-se deixar claro que não se trata apenas da Esperança da vida após a morte. Tendo em conta que a esperança vista por esse viés pode ser um estímulo para quem já padece de uma mentalidade suicida, a se matar de uma vez e alcançar logo a vida sem dor ou sofrimento. Não se trata disso, uma vez que o objetivo do cristão é proteger a vida em sua integralidade.

A esperança, além de ser uma meta segura para onde os cristãos querem chegar, é também uma força utópica que motiva a superar os desafios do cotidiano. Como apresenta Bento XVI na Carta Encíclica *spe salvi*.

[...] foi dada nos uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceito, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho.¹³⁹

Para Hinkelammert, é necessário conceber utopias, pois sem elas não seria possível conhecer os limites da condição humana.¹⁴⁰ Como também destaca Brighenti: “diante dos niilismos existenciais, onde a vida oscila entre a resignação e o absurdo, a utopia, enquanto horizonte de futuro possível oferece um rumo e um novo sentido ao presente. Ela nos faz ver que somos um projeto possível.” Assim, a possibilidade da utopia

¹³⁹ BENTO XVI. **Carta Encíclica Spe Salvi**. Vaticano: 2017, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/jpsAB>. 2007, Acesso em: 27 abr. 2019; SS 1.

¹⁴⁰ HINKELAMMERT, 1986, p. 268.

é a chave para entender nosso presente, não fechado sobre si mesmo, mas aberto ao futuro desejado.¹⁴¹

Ao longo da história a esperança cristã foi duramente criticada, sobretudo na modernidade, quando a Esperança cristã era vista como uma fuga da aflição e das obrigações deste mundo, um sinal da incapacidade de viver o presente. Como cita Comblin:

A esperança é um refúgio de todas as decepções da vida e dos projetos frustrados, O Céu é visto como o grande consolo para as vidas frustradas. A esperança cristã é uma total fuga da realidade e passividade amorfa diante dos problemas concretos.¹⁴²

Infelizmente essa é a posição de muitas pessoas, que vêm na esperança cristã apenas uma realidade futura, para além do túmulo, ou como fuga e alienação dos problemas concretos da vida. Percebemos ainda que a maioria das pessoas não conseguem ver na Esperança Cristã uma força de transformação da realidade histórica e concreta. Segundo Comblin, para se aceitar e resignificar essas críticas é preciso uma certa maturidade espiritual, “precisa-se aceitar a realidade da vida, com as oportunidades e limites que ela impõe e não fugir dela por mais difícil que ela seja.”¹⁴³ Deve se ter claro que a vida foi dada para ser vivida, e vivida em plenitude.

Todavia, deve se ter claro que essa visão alienada de esperança não condiz com os ensinamentos da Igreja Católica. A esperança para os cristãos deve ser uma virtude ativa, uma ação que modifica o mundo, e para modificá-lo não pode se afastar do seu compromisso com o mundo terreno, portanto, ela passa pela vida presente do aqui e agora e se cumpre plenamente na eternidade.”¹⁴⁴

¹⁴¹ BRIGHENTI, sem data, p. 9.

¹⁴² COMBLIN, 1970, p. 18

¹⁴³ COMBLIN, 1970, p. 18.

¹⁴⁴ RATZINGER, Joseph. Além da morte. **Communio**: Revista Internacional de Teologia e Cultura, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 77-90, jul./set. 2009, p. 85.

Com base no pensamento de Ratzinger, defendemos a ideia de que a esperança não é algo estagnado e estático, alheio as dores do mundo marcado pelo sofrimento.

É, antes, um grito, um clamor incessante pela causa da justiça, é uma esperança que compromete a própria vida, porque a essência de toda escatologia cristã consiste em empenhar a vida na busca da verdade, da justiça e do amor.¹⁴⁵

Como percebemos no capítulo anterior essa esperança transcendente foi substituída pelo consumismo, e outros fetiches que o capitalismo apresenta como fundamentais para felicidade. Isso faz com que o ser humano principalmente os jovens vivam apenas de expectativas e consequentes frustrações. Assim, tornam-se escravos do consumismo, vivem insatisfeitos e infelizes e a vida perde o sentido, talvez sem ter nunca encontrado, pois já nasceram escravos do mercado ou de outros fetiches.¹⁴⁶

Outro caso que cabe mencionar é o fato de muitos cristãos atualmente lamentam a falta de bases sólidas da Igreja remetendo-se como modelo ideal a Igreja antes vaticano II, para eles a falência das estruturas antigas lhes parece uma traição. Ainda essa desilusão segundo Comblin também é resultado da falta de esperança que não estava fundada em Cristo mas nas estruturas frágeis. A verdadeira fé cristã não deve ser fundamentada nas instituições da Igreja, uma vez que elas são humanas e falhas, o que é divino permanece mas o que é humano se transforma constantemente. Como diz o Salmo 39 “Feliz o homem que põe sua confiança no Senhor e não na sabedoria ou nas promessas dos homens.”¹⁴⁷

Segundo Comblin, o maior adversário da esperança é aquilo que os antigos chamavam de *Akédia*, uma palavra grega que não tem tradução exata para o português, “mas é uma experiência de vazio, de indiferença, que tudo perde o sentido, perde-se toda motivação para viver, a

¹⁴⁵ RATZINGER, 2005, p. 120.

¹⁴⁶ BETIATO, 2006, p. 19.

¹⁴⁷ COMBLIN, 1970, p. 49.

impressão de estar isolado num deserto seco e desabitado”.¹⁴⁸ Esses sentimentos muitas vezes são relatados por pessoas com problemas de saúde mental, também por vítimas de automutilação ou que tentaram suicídio. Portanto a falta de esperança esta intrinsecamente atrelada a perda do sentido da vida e a autodestruição.

Para ilustrar uma situação concreta, usamos um exemplo citado por Ratzinger. Segundo ele: certa vez um menino ao ser questionado pelo professor que deveria ser grato por seus pais terem lhe dado a vida, ele responde “Mas não sou absolutamente grato por viver! Preferia não viver!”¹⁴⁹ Essa assustadora declaração, saída da boca de um menino está longe de ser um caso isolado, antes é a condição em que se encontram muitos jovens de nosso tempo. Partindo desse exemplo Ratzinger afirma.

Esse caso é uma legítima definição de desespero: quando a própria vida não é boa. Diante de tal situação a autodestruição parece ser a única saída possível, pois próprio existir parece ser o mal. Nesse caso aparece o desespero como questionamento da própria existência a ponto da vida deixar de ser um bem.¹⁵⁰

A prática da esperança, só será verdadeiramente uma Esperança Cristã, se for traduzida em práxis, se assim não for, é uma falsa esperança.¹⁵¹ Diante desse contexto de modernidade e principalmente com o avanço técnico-científico, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* é muito realista ao dizer que “a mensagem cristã não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desatender ao bem dos seus semelhantes, mas, antes, os obriga mais a realizar essas atividades”.¹⁵²

¹⁴⁸ COMBLIN, 1970, p. 55.

¹⁴⁹ RATZINGER, 1984, p. 269.

¹⁵⁰ RATZINGER, 1984, p. 269.

¹⁵¹ RATZINGER, J. A esperança. **Communio**: Revista Internacional de Teologia e Cultura, Rio de Janeiro. Ano III, n. 16, jul/ago. 1984, p.31.

¹⁵² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. 1964, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/zJOWX >. Acesso em: 07 mai. 2019, GS 34.

Cabe-se destacar que a Esperança é diferente de expectativas, as expectativas poderão ser frustradas, já que pertencem apenas na história, está no nível dos sonhos, das utopias, dos ideais, essas expectativas poderão se realizar ou não, dependem de fatores históricos e matérias. Todavia são de grande importância para impulsionar a vida. Já esperança vai além, ela inicia na história na transformação do mundo, chamando para o futuro e se concretiza na eternidade. As expectativas morrem com as frustrações da vida, mas a Esperança permanece, por que ela está para além da natureza e das desilusões humanas.¹⁵³

Portanto, ambas são importantes, as expectativas animam a lutar por um mundo melhor, contra as injustiças, já esperança alimenta nossa fé na ressurreição eterna, e nos impulsiona para o futuro, nos permite ir além do que pode ser visto com olhos humanos. A esperança é uma certeza, que não nos deixa parar de sonhar e lutar, apesar das frustrações. Como apresenta a Constituição Pastoral *Gaudim et Spes*.

A esperança escatológica não diminui a importância das atividades terrestres, mas antes apóia seu cumprimento com motivos novos, Faltando ao contrario o fundamento divino da Esperança de vida eterna a dignidade humana é prejudicada de modo gravíssimo.¹⁵⁴

Como é possível perceber, o conceito de esperança cristã empregado desde o título desta pesquisa vai muito além dos devocionalismos, ritualismos, emocionalismos, espera estática pela ação de Deus ou apenas a esperança da vida eterna. A dimensão da esperança cristã que buscamos apresentar nessa pesquisa é muito semelhante à esperança concreta, que trabalharemos na próxima seção.

¹⁵³ BETIATO, 2006, p. 15.

¹⁵⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; GS 76.

3.1 A ESPERANÇA CONCRETA

O termo esperança concreta, foi muito trabalhado pelo filósofo Ernest Bloch, um decidido ateu que dedicou muitas energias e boa parte de sua vida para resgatar a esperança como conteúdo central da Filosofia. Boa parte de suas reflexões foram reunidas na obra *O Princípio Esperança*, dividida em três volumes. Seu conteúdo, tem origem no pensamento de Marx, e busca trabalhar uma área que o autor alemão aborda como central para o materialismo histórico, as utopias, que ficaram esquecidas pelos marxistas, mas que sem elas não existe transformação social. Bloch resgata esse pensamento marxista e o sistematiza como uma Filosofia voltada para o futuro, construída a partir das tendências intrínsecas da realidade atual e indícios do passado, sem ir além da materialidade histórica.¹⁵⁵

Segundo Bloch, esse seria o caminho para restaurar o reino dos homens, sem considerar a existência ou a ação de Deus em algum lugar. Ou seja, tudo dependeria da ação dos seres humanos no presente, projetando-se para um futuro não conhecido, mas vislumbrado como ideal. Essa concepção de esperança defendida por Bloch limita o ser humano a viver com esperanças históricas, passageiras e suscetíveis as desilusões naturais da condição humana.¹⁵⁶ Por isso muitos teólogos, afirmam que a esperança apresentada por Bloch é uma falsa esperança, pois não compreende a vida após a morte ou a esperança da vida eterna para além da materialidade histórica.

Sem negar as verdades apresentadas pelos teólogos críticos de Bloch, nesse trabalho, preferimos compreender o seu pensamento como uma esperança não falsa, mas incompleta, já que muitos elementos apresentados por esse autor podem contribuir na compreensão da esperança cristã como uma força utópica e transformadora desse mundo em vista de um mundo ainda não conhecido plenamente. Como nos lembra Comblin:

¹⁵⁵ BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. V1. Trad. Nélío Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro, 2005, p. 34.

¹⁵⁶ RATZINGER, 1984, p. 269.

A esperança consiste em reconhecer que toda verdade do homem não se encontra naquilo que se vê agora, e que o homem não se deixa esgotar pelo seu presente. Consiste ainda em crer que essa verdade plana do homem não é pura ilusão, mas que ela se revelará no futuro.¹⁵⁷

Ou seja, se pensarmos que a verdadeira esperança só é alcançada após a morte, que sentido teria a vida cotidiana? E por outro lado, se pensarmos que a esperança pode ser vivida plenamente nesse mundo, como alimentar essas esperanças, já que tudo neste mundo muda constantemente? Segundo Comblin, “não podemos pensar que a esperança é apenas um sentimento transcendente, volúvel, pertencente a um mundo exterior de sonhos e fantasias.” Essa seria uma visão infantil de esperança, que não pode ser negada, mas, essa concepção de esperança não se sustenta como também não dá sustento ao longo da vida e das dificuldades.¹⁵⁸

Nesse sentido, é que a esperança concreta, também chamada de utopia social, intuída por Bloch pode nos ajudar a compreender “a ação do já em vista do ainda não visível.” Bloch define utopia como:

[...] a expressão de um imaginário de sociedade desejada pela humanidade. Trata-se de um horizonte que, como perspectiva de realização, encontra-se sempre adiante da condição humana. O imaginário – a utopia – de uma sociedade na qual caibam todos e todas é o horizonte necessário e salutar à humanidade. A partir desse imaginário, desponta o princípio que orienta os passos de uma sociedade que busca construir projetos de um mundo sustentável e inclusivo. A utopia está sempre adiante, sinalizando o caminho da transformação.¹⁵⁹

¹⁵⁷ COMBLIN, 1970, p. 19.

¹⁵⁸ COMBLIN, 1970, p. 74.

¹⁵⁹ BLOCH, 2005, p. 34.

Bloch como já citado, se auto referencia como ateu, mas é considerado o fundador da Filosofia da Esperança. Esse paradigma questionou muitos teólogos, que se perguntavam: como ter esperança sem Deus? Essa inquietação ganhou grande impulso, para além da materialidade histórica quando foi assumida pelo teólogo reformado Jurgen Moltmann, e outros teólogos da libertação. Com eles a esperança materialista histórica de Bloch ganhou um novo horizonte e passou a ser compreendida como Teologia da Esperança.¹⁶⁰

A Teologia da Esperança criada por Moltmann tem por objetivo revigorar na esperança cristã práticas de esperança que motivem cada indivíduo a ser responsável pelo futuro da humanidade, trazendo para o presente cotidiano o futuro da justiça, da vida, do Reino de Deus e da liberdade do homem calcado na esperança e garantida pela ressurreição de Cristo.¹⁶¹

Seguidor dessa linha, o teólogo Leonardo Boff, diz que “o horizonte de esperança [...] se assenta sobre uma nova experiência: a experiência de que outro mundo é possível.”¹⁶² Percebe-se que ao longo da historia houve várias iniciativas de lançar-se para frente em vista de transformar o futuro, todavia, não basta grandes desejos pra realizar essa transformação, como também ninguém realiza grandes obras sem ter tido grandes desejos. Segundo Comblin “Trata-se de fixar os olhos sobre um futuro invisível, de ver a realidade que ainda não existe, e a maioria ainda não enxerga e sacrificar aquilo que não oferece nenhum caráter concreto.”¹⁶³

Para se compreender a Esperança Cristã como uma força utópica capaz de transformar a realidade e a vida dos jovens, deve-se compreender a distinção e a relação entre esperança cristã e as utopias

¹⁶⁰ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3. ed. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.

¹⁶¹ GIBELLINI, Rosino, **A Teologia do Século XX**, trad. João Peixoto Neto, São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 282.

¹⁶² BOFF, Leonardo. **Civilização planetária**: desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 111.

¹⁶³ COMBLIN, 1970, p. 75.

humanas defendidas pelos filósofos e sociólogos dentre eles muitos ateus. É o que faremos na próxima subseção.

3.1.1 A esperança sem Deus e a esperança paulina

Como já citado, o ser humano antropologicamente é guiado pela esperança, seja ele ateu ou crente, ele precisa de uma razão pela qual viver e esperar, para os ateus como é o caso de Bloch, a esperança é totalmente humana, seu início e fim são definidos pela materialidade histórica. Já os cristãos vivem garantidos pela esperança, caminham na história guiados por uma meta que vai além da morte, a verdadeira e absoluta esperança do cristão é a vida eterna em Cristo.

Esses dois níveis de esperança podem ser materializados nas pessoas de Bloch e Paulo que representam perfeitamente esses dois níveis de esperança, Para Bloch a “esperança é fruto da atividade humana realizada pelo próprio homem, e nada pode existir, além disso.” Nesse sentido Bloch compreende a esperança a partir de dois verbos, agir e esperar: é pela ação que se constrói o futuro ideal, porém existem situações que independem da ação do sujeito e sim de elementos históricos ou fenômenos naturais inevitáveis. Diante dessas situações deve se esperar atentamente até que esteja ao alcance de uma nova ação ou reação. Ou seja, ele parte do pressuposto de que tudo que existe pode ser mudado pela ação humana, algumas coisa já e outras podem ser esperadas embora ainda não se saiba como ou quando serão transformadas.¹⁶⁴

Por outro lado a esperança Paulina compreende tanto a ação humana como a espera futura para além da vida. O Grande diferencial está na espera futura que no caso de Bloch termina com a morte, e para Paulo apenas após a morte que será alcançada a esperança plena. De acordo com a esperança paulina:

[...] o cristão caminha na certeza de ser salvo, ao contrário dos pagãos que facilmente ficam

¹⁶⁴ RATZINGER, 1984, p. 270.

desmotivados já que tudo para eles se finda com a morte, independente dos esforços realizados em vida. O paraíso terrestre, o reino dos homens idealizado por Bloch e Marx, no pensamento de Paulo só poderá ser construído plenamente quando nos libertarmos da condição humana.¹⁶⁵

Cabe-se destacar, que tanto Paulo como Bloch não se preocupam com as expectativas do cotidiano, ou as pequenas angústias que são naturais da existência humana. Ambos, cada uma a seu modo, como as alternativas e crenças que possuem, procuram na esperança a resposta para as grandes angústias da humanidade.

3.1.2 Utopia e a Esperança Cristã

Segundo Comblin, das mil utopias sonhadas uma torna-se fecunda, porém sem os mil sonhos, aquele um fecundo não teria probabilidade de aparecer. Todavia os sonhos que não se tornaram fecundos não foram perdidos, eles motivaram a imaginação e geraram muitos movimentos e novas utopias. Segundo esse mesmo autor “o ser humano é tão apegado a seus limites que muitas vezes é necessário um terremoto de sonhos para que ele se movimente.”¹⁶⁶

O sonho é tão essencial ao homem como a realidade, pois é a matriz da realidade. Quando se aplica esses sonhos na realidade social esses sonhos chamam-se de utopias. A filosofia contemporânea reabilitou a utopia como algo que não chega a tornar-se realidade, mas todas as utopias sociais viveram em utopias antes de se tornar realidade.¹⁶⁷

Segundo Brighenti a esperança cristã aponta para um futuro, onde a vida poderá ser vivida em plenitude. Todavia, são as utopias que

¹⁶⁵ RATZINGER, 1984, p. 270.

¹⁶⁶ COMBLIN, 2001, p. 130.

¹⁶⁷ COMBLIN, 2001, p. 130.

motivam e transformam o presente, em vista do futuro escatológico vislumbrado. Portanto, embora distintos, esperança e utopia são complementares. “Sem a utopia a esperança é uma virtude vazia e por outro lado, a esperança é quem alimenta e sustenta as utopias em sua mediação histórica.”¹⁶⁸

A esperança é uma instância crítica necessária das utopias, que as impede de degradar a dignidade e a grandeza do ser humano. Por outro lado, a utopia oferece à esperança mediações históricas concretas, dando-lhe dimensão social e abrindo campo para a sua encarnação no tempo.¹⁶⁹

Nesse sentido é que a esperança cristã pode ser uma força utópica e ao mesmo tempo concreta que nos “lança para frente a serviço de um alvo colocado pelo próprio Deus, que germina nesse mundo e no outro.” De acordo com Comblin, a esperança cristã concretamente vivida a serviço do Reino é uma força igualmente utópica, pois funciona como impulso para as utopias, e a cada vez que uma utopia é alcançada, surge um novo convite ao ser humano a superar-se indefinidamente.¹⁷⁰

Ambas irrompem com intrepidez de contextos de sofrimentos e enquanto a esperança transcende a história humana, as utopias impulsionam os processos históricos em sua direção. A esperança aponta para o sentido último da existência humana. A utopia é a tentativa de historicização de um horizonte de sentido da esperança, uma vez que o real é sempre menor do que o ideal.¹⁷¹

Segundo Brighenti, por mais que a esperança esteja enraizada na experiência humana, “tem sua motivação última e definitiva na

¹⁶⁸ BRIGHENTI, sem data, p. 1.

¹⁶⁹ BRIGHENTI, sem data, p. 12.

¹⁷⁰ COMBLIN, José. **A maior esperança**. Vozes: Petrópolis. 1970, p. 74.

¹⁷¹ BRIGHENTI, sem data, p. 1.

transcendência, na realidade mesma de Deus.”¹⁷² Já as utopias encontram sua motivação última nos valores humanos, na ética e na história como referência última.¹⁷³ É partir desse dinamismo que a esperança cristã pode ser uma força utópica capaz de dar um novo sentido a vida do jovem que se encontra desesperançado e sem sentido para viver.

3.1.3 A esperança na Bíblia

O tema da esperança bíblicamente começa com a promessa que Deus fez a Abraão. Deus se revela como alguém que promete terra, promete um lugar para morar e viver.¹⁷⁴ "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo."¹⁷⁵

Confiando na palavra que ouvira, Abraão abandonou o presente, graças ao que haveria de vir. A palavra ouvida é para ele mais real do que aquilo que pode ser calculado ou do que aquilo que se pode agarrar. Ele acredita naquilo que não pode ainda ver, deste modo torna-se capaz do novo e de dispensar o seguro.¹⁷⁶

No Antigo Testamento pouco se fala da esperança após a morte. A esperança do povo consistia na felicidade plena do ser humano ainda aqui neste mundo, em todas as dimensões da vida humana, pois a alegria de Deus é a felicidade do ser humano. A esperança do povo era histórica, na

¹⁷² BRIGHENTI, sem data, p. 8

¹⁷³ COMBLIN, 1970, p. 74.

¹⁷⁴ BLANK, Renold J. **Escatologia do mundo**: o projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001, p. 13.

¹⁷⁵ Gn 12,1-2.

¹⁷⁶ RATZINGER, J. **Fé e futuro**. Trad. Conceição Barreira de Sousa. Portugal: Princípia, 2008, p. 38.

vida, que consistia em terra boa para trabalhar, pão para comer, liberdade e muitas outras bênçãos que Deus lhes concedia.¹⁷⁷

Segundo Comblin, os escritos proféticos são escritos utópicos, o sonho de uma nova terra e um novo céu, um povo guiado pelo direito e pela justiça, uma terra sem guerras, sem fome, uma utopia possível pela qual muitos gastaram a vida. A utopia no sentido bíblico como também cristão é semelhante a profecia, contudo a profecia não é construída apenas dos sonhos naturais, humanos, ela surge de uma promessa, feita por Deus. Portanto, pode se dizer, que a profecia é uma mistura dos sonhos humanos que nascem das realidades concretas, com a inspiração divina que lança para além do horizonte puramente humano.¹⁷⁸

No Novo Testamento Jesus se apresenta como o Deus da Vida. Ele veio para que houvesse vida em abundancia para todos e abominou tudo aquilo que era sinal de morte no seu tempo.¹⁷⁹ A vida plena pela qual Jesus doou sua própria vida, perpassa tanto pela dimensão histórica humana como eterna em Deus, essas duas aspirações encontram sua realização na esperança cristã. Como afirma Brighenti:

O projeto utópico de Jesus, ainda que remeta ao mistério, passa por uma comprovação histórica. Neste sentido, a utopia é o futuro que julga o presente, ao mesmo tempo em que é motor que, desde a interioridade do tempo, move ao futuro.¹⁸⁰

Jesus, ao mesmo tempo, ensina que Deus com seu Reino, oferece o dom da salvação integral, liberta o ser humano do pecado e o introduz na comunhão com o Pai, concede-lhe uma filiação divina e promete a vida eterna, vencendo a morte. Esta salvação integral é ao mesmo tempo imanente e escatológica, já que tem seu começo certamente nessa vida, mas que terá sua realização completa na eternidade.¹⁸¹

¹⁷⁷ BETIATO, 2006, p. 29.

¹⁷⁸ COMBLIN, 1970, p. 91.

¹⁷⁹ BETIATO, 2006, p. 31.

¹⁸⁰ BRIGHENTI, sem data, p. 8.

¹⁸¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório geral para catequese**. Doc. 84. São Paulo: Paulinas, 2006. n. 102, p. 100.

3.2 O HORIZONTE TEOLOGICO DA ESPERANÇA CRISTÃ

Esta esperança que emana de Deus e toca o mais íntimo do ser humano confronta-se com um mundo reverso, no qual aquele que espera e vive dessa esperança sente-se desafiado a dar as suas razões.¹⁸²

Para os cristãos, os passos dados rumo ao horizonte da esperança sinalizam a construção de um caminho, como resgate do sentido da própria vida, uma vez que caminham movidos por uma certeza, de que no fim de tudo, encontrarão a Cristo, e serão libertos de toda dor e sofrimento. Além disso, outra certeza é que não caminham sozinhos aqui na terra, pois o próprio Jesus lhes dá força para superar os obstáculos e isto é fundamental para quem tem pensamentos de auto destruição. Com cita Blank:

A esperança é uma virtude humana que consiste no desejo de um bem futuro e na tensão voltada para alcançá-lo. Essa virtude torna-se cristã quando o objeto desse anseio é o Reino de Deus.¹⁸³

Como afirma Bento XVI na Carta Encíclica *Spe Salvi*, “Quem tem esperança, vive diversamente.”¹⁸⁴ Como já percebemos discussão teológica a respeito da esperança cristã apresenta-se, na história da Igreja, povo de Deus, como uma riqueza e, sobretudo, dá ao cristão o sentido, isto é, a razão de sua vida e missão. Olhando para muitos jovens que não encontram razão ou sentido para viver, e desses, muitos, chegam ao extremo de tentar contra a própria vida, percebemos que o que está por de traz desilusão com a vida, é a falta de esperança, em seu sentido mais amplo.

¹⁸² RATZINGER, J. A, 1984, p. 16.

¹⁸³ BLANK, 2001, p 13.

¹⁸⁴ BENTO XVI. **Carta Encíclica *Spe Salvi***. Vaticano: 2007, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/jpsAB>. Acesso em: 27 abr. 2019; SS 2.

Nesse sentido a esperança, mais do que um artigo de fé, é uma virtude, um dom posto à disposição do ser humano, que o ajuda a trabalhar pela transformação do mundo presente, em vista de uma utopia que está sendo construída. Esse movimento utópico faz com que se criem novas razões e sentidos para a vida, fazendo com que as decepções da vida tornem-se secundárias e superáveis.

Como sabemos, o cristão vive guiado pela esperança e pelo fato de viver guiado por ela, deve ser comprometido com a realidade histórica, já que a esperança não se resume apenas ao âmbito religioso, mas é, antes de tudo, uma dimensão antropológica que implica na responsabilidade social e política do presente. Como destaca Renold Blank:

[...] a esperança aparece como um elemento distintivo do cristão. “Ser cristão é ter esperança, estar garantido por ela. A esperança não é apenas um artigo qualquer de fé, como muitos outros, mas precisamente a definição da essência cristã.”¹⁸⁵

A esperança cristã é fundamentada na fé de que existe um Deus, que se encarnou, morreu e ressuscitou, e assim nos deu a possibilidade de ressuscitar e viver eternamente com Ele. Como cita Ratzinger lembrando as palavras de Santo Inácio “Os cristãos são aqueles que esperam no Senhor.”¹⁸⁶ No entanto não é uma espera estática, mas uma espera ativa, que dá continuidade à missão iniciada por Cristo Jesus.

Desse modo, podemos compreender que a esperança é uma força dinâmica que nos impele a ultrapassar os limites de nos mesmos, transformando o ambiente provisório em que vivemos, na certeza de que no fim a vitória lhe será assegurada não por suas próprias forças mas pelos méritos de Cristo. “Assim a esperança do mundo ideal e eterno, que ainda não é, já começa a se fazer presente na nossa vida.”¹⁸⁷ Nas palavras de Ratzinger podemos concluir que “A esperança em que os apoiamos, é

¹⁸⁵ BLANK, 2001, p 13.

¹⁸⁶ RATZINGER, 1984, p. 273.

¹⁸⁷ RATZINGER, 1984, p. 273

a de que nossa substancia já está no paraíso. Assim viver na esperança é viver do corpo e no corpo do próprio Cristo.”¹⁸⁸

Ratzinger, lembrando as palavras São Francisco no Cântico do Sol, mostra que apenas quando formos libertos das nossas expectativas autossuficientes, que na maioria das vezes acabam em angústia e desespero, é que vamos perceber que somos seres de Esperança.¹⁸⁹ “Somente pela esperança é que poderemos libertar o mundo das desilusões do dia-dia.”¹⁹⁰

Todavia, não podemos cair na tentação de pensar que a esperança está exclusivamente na interioridade, ou no transcendente e que o mundo concreto terreno, as coisas empíricas estão fadadas ao desespero e à morte. A esperança cristã não pode ser compreendida como falso ascetismo, negligencia ou despreocupação com as responsabilidades e os problemas sociais, que atentam contra a vida e a dignidade humana.¹⁹¹

Na verdade se trata de criar um novo mundo, onde não seja necessário a fuga para interioridade, um mundo onde não exista sofrimento, e todos tenham vida digna, enfim que o paraíso aconteça aqui.¹⁹²

Portanto, a verdadeira interioridade não fecha o indivíduo em si mesmo, mas o impele a transformar o mundo a sua volta, ele vislumbra o paraíso ideal e tenta transpor essa realidade para o exterior de si.¹⁹³ Nesse sentido podemos ter como base as Conclusões do Documento de Aparecida. Que diz:

A esperança autêntica não olha para a Promessa de maneira passiva, mas convoca a construir uma nova história que mude as condições de vida, as quais impedem a realização do Projeto do Pai, aqui e

¹⁸⁸ RATZINGER, 1984, p. 275.

¹⁸⁹ RATZINGER, 1984, p. 276

¹⁹⁰ RATZINGER, 1984, p. 276

¹⁹¹ BRIGHENTI, sem data, p. 9.

¹⁹² RATZINGER, 1984, p. 277

¹⁹³ RATZINGER, 1984, p. 278

agora, para a justiça e a paz. É um olhar da fé que leva à prática que dela resulta.¹⁹⁴

Acreditamos que a Esperança Cristã vai além das aventuras humanas, a esperança deve orientá-las para uma dimensão definitiva e final. Já que as aventuras não têm um fim em si mesmas, precisa-se de uma razão pela qual vale a pena aventurar-se. “A verdadeira esperança traduz-se nos atos, isto é, no serviço do reino de Deus.”¹⁹⁵

Não podemos perder de vista que a esperança cristã nasce e cresce usando as diversas energias de esperança natural. Envolve em si mesma e canaliza as forças que projetam o homem para o porvir. Não exclui, mas integra tudo que há de bom nas aspirações naturais em um projeto global em vista da vida plena para todos.

3.2.1 As virtudes teologais na perspectiva da Esperança Cristã

A esperança cristã nasce da Fé, que Jesus viveu, morreu, ressuscitou e continua vivo no meio de nós, como diz dizia São Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, é vã seria vossa fé”¹⁹⁶ Vivemos guiados pela certeza que Ele vive, por isso, nós podemos viver Nele, tanto aqui na terra, como em plenitude na vida eterna. Portanto, é a Fé que sustenta a esperança durante a vida e pra além da morte, no entanto é no amor (caridade) que podemos viver essa esperança concretamente e vencer as tribulações da vida. Como afirma Paulo em sua carta aos Romanos:

[...] gloriamos também de nossas tribulações, sabendo que a tribulação gera a constância, a constância leva a uma virtude provada, a virtude provada desabrocha em esperança; e a esperança

¹⁹⁴ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. CNBB: Brasília, 2008. p .451; 64.

¹⁹⁵ BRIGHENTI, sem data, p. 9.

¹⁹⁶ 1 Cor 15, 17.

não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.¹⁹⁷

A Esperança é obra da graça de Deus, que culmina na felicidade eterna, uma espera certa e confiante proporcionada mediante a fé na ressurreição. É a fé que garante esta realidade esperada e as exigências que isto implica. “A esperança cristã mantém a paciência e a fidelidade para com Deus, cuja expressão maior é o amor, sendo ele no sentido mais sublime, o amor ágape.”¹⁹⁸

Segundo Francisco, é o amor que nos inquieta, e nos faz superar os medos e as angústias do dia-dia, “esse amor instiga-nos, estimula-nos, lança-nos para uma vida melhor e mais bela.”¹⁹⁹ Segundo Ratzinger o que está por de traz da grande angústia que leva o ser humano a perder o amor a vida, e preferir não viver, como no caso do menino apresentado inicio desse capítulo,²⁰⁰ é a falta total de amor. Quando a pessoa não se sente amada o medo toma conta da existência, e os aborrecimentos de cada dia, as pequenas angústias se tornam-se tudo o que ela consegue ver, e nada mais é suficiente para acolher ou confortar tal pessoa.²⁰¹

Assim as pequenas angústias são a única coisa que se espera do futuro e transformam-se na grande angústia. Uma vida que não oferece nenhuma esperança, tona-se insuportável. Nesse caso a única esperança que se apresenta é a morte, que é o fim de todas as esperanças.²⁰²

¹⁹⁷ Rm 5, 1-5.

¹⁹⁸ KUZMA, Cezar. Esperança Cristã. **Maxwell PUC-RIO**, n.12069/CA, sem data Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/11197/111973.PDF>>. Acesso em: 12 jun.2019, p. 26.

¹⁹⁹ FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 138.

²⁰⁰ RATZINGER, 1984, p. 269.

²⁰¹ RATZINGER, 1984, p. 268.

²⁰² RATZINGER, 1984, p. 268.

Nesse sentido voltamos ao artigo “A Esperança” de Ratzinger onde ele retoma o *Simposion* de Platão e afirma “a esperança do homem está antes de tudo no que lhe encontra o amado que lhe convém.” No entanto, quando encontra o amado percebe que as condições humanas trazem limitações, que impossibilitam viver plenamente esse amor, mas, por amar e sentir-se amado continua a buscar plena unidade com seu amado, guiado pela fé que o amor é possível.²⁰³

Assim, baseado em Platão, Ratzinger afirma que, “somente a experiência de amor desperta as maiores esperanças.”²⁰⁴ Essa concepção de esperança como uma busca de algo ideal, sonhado, pode ser aceito por ateus como Bloch de que o homem espera de si mesmo algo como o paraíso perdido e também buscam a reconstrução de um paraíso aqui na terra; como também para ou por cristãos que lutam pela construção do mundo ideal marcado pelo amor, a paz e a justiça, todavia já vislumbrado na eternidade.

Portanto, se a grande angústia que está por trás de pequenas angústias que resultam da falta de amor humano. Por outro lado, a esperança cristã está acima das outras esperanças, expectativas ou utopias humanas, porque ela é um Dom do grande amor de Deus, que por sua vez se encontra também nas pequenas esperanças. No entanto essa esperança de amor, muitas vezes se encontra suprimida pela angústia e pelo medo que somente será libertada pelo verdadeiro Amor que é o próprio Deus. Como afirma São João 4,16, “Deus é amor.”²⁰⁵

Segundo Francisco o amor de Deus é gratuito e nos leva a liberdade.

[...] É o amor do Senhor: amor diário, discreto e respeitador, amor feito de liberdade e para a liberdade, amor que cura e eleva. É o amor do Senhor, que se entende mais de levantamentos que de quedas, mais de reconciliação que de proibições,

²⁰³ RATZINGER, 1984, p. 270.

²⁰⁴ RATZINGER, 1984, p. 270.

²⁰⁵ RATZINGER, 1984, p. 271.

mais de dar nova oportunidade que de condenar,
mais de futuro que de passado.²⁰⁶

Nas conclusões do Documento de Aparecida, a Esperança é apresentada como uma prática do amor capaz de dar novo ânimo aos rostos sofredores do nosso Continente. Essa concepção de esperança que o Documento apresenta está voltada à realidade concreta que se encontra num contexto histórico, com problemas e desafios concretos, e portanto poderia ser aplicados em praticas pastorais, de acordo com o contexto de cada realidade.

No coração e na vida de nossos povos pulsa um forte sentido de esperança, não obstante as condições de vida que parecem ofuscar toda a esperança. Comprometem-se na construção de um futuro de maior dignidade e justiça enquanto aspira ao novo céu e a nova terra que Deus nos promete em sua morada eterna.²⁰⁷

Essa promessa de amor não é intimista ou superficial, é ela que liberta o ser Humano da grande angústia existencial, agravada pela sociedade mercadológica, que leva tantos jovens ao suicídio ou à automutilação. Portanto, a prevenção do suicídio não se restringe apenas em nível espiritual, fazer com que eles façam uma experiência de amor com Jesus Cristo, mas também implica na transformação da realidade concreta, por meio de políticas públicas, praticas pastorais que ofereçam condições dignas para os jovens se desenvolverem plenamente. Conforme nos apresenta a *Gaudium e Spes*:

A esperança autêntica não olha para a promessa de maneira passiva, mas convoca a construir uma nova história que mude as condições de vida, as quais impedem a realização do Projeto do Pai, aqui e

²⁰⁶ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 116.

²⁰⁷ CONCELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 207.** p. 208; Dap. 464.

agora, para a justiça e a paz. É um olhar da fé que leva à prática que dela resulta.²⁰⁸

Portanto, é o amor que alimenta e abre espaço para que a Esperança dê frutos, da mesma forma que não é possível sustentar a esperança sem fé no único Deus Verdadeiro, e sua promessa de vida eterna. Do mesmo modo, uma Esperança sem amor se torna uma virtude, é vazia e alienante. Assim podemos concluir que a esperança cristã é um possível caminho, que associado a práticas pastorais condizentes com essa virtude podem muito contribuir para prevenção do suicídio e automutilação de tantos jovens na atualidade.

²⁰⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; GS 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa abordamos a problemática do suicídio e da automutilação de jovens em uma perspectiva sócio-teológica e pastoral, Apresentamos o suicídio como uma patologia social resultante do modelo econômico vigente. Reconhecemos que o capitalismo não é o único responsável do suicídio e da automutilação dos jovens na sociedade atual. No entanto, observando os dados e os estudos realizados por autores de diversas áreas sobre a relação do jovem com a sociedade capitalista atual, constatamos que existe uma grande influência no aumento do número de suicídio de jovens nas duas ultimas décadas. Por outro lado, confirmamos que a esperança cristã pode ser uma força utópica capaz de dar um novo sentido a vida de quem se encontra desesperançado.

No primeiro capítulo, constatamos que é praticamente impossível chegar a uma definição consensual do que é ser jovem na sociedade atual, uma vez que a definição depende de critérios biológicos, sociais, econômicos, educacionais, etários, geográficos, culturais além de outros fatores definidos de acordo como o interesse de cada nação, área de estudo ou órgão representativo. Após a exposição de muitos argumentos, e sem negar a verdade contida em cada um deles, optamos por critérios metodológicos da pesquisa em permanecer com a maioria das opiniões de que a juventude compreende o período etário de 15 a 28 anos no Brasil. No entanto deve se deixar claro que essa definição é flexível tanto para mais como para menos dependendo do contexto de cada realidade.

Percebemos também que o problema do suicídio juvenil é considerado por alguns pesquisadores da área como uma epidemia nacional, tanto que desde 2014 esse problema já é considerado um problema de saúde pública pela OMS. Em nosso país já é a terceira principal causa da morte de jovens e o mais preocupante é esse número continua crescendo a cada ano, ao contrário da maioria dos países que os números estão em escala decrescente. Mesmo assim o problema do suicídio não é tratado com a gravidade que ele exige, tanto que ainda não existem políticas públicas de prevenção ao suicídio e a automutilação no Brasil.

No entanto, foi aprovado no decorrer dessa pesquisa, em abril desse ano o projeto de lei número 10331/2018, que institui a Política

Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, com intuito de tornar mais rígida a notificação dos casos que chegarem as clínicas médicas públicas ou privadas, além de uma série de medidas, de conscientização e educação dos jovens e adolescentes em relação a valorização e o cuidado da vida. Essa Política Pública tem previsão de ser postas em prática no próximo ano (2020) embora ainda não se saiba como ou quem será responsável de fazer com que isso aconteça. O fato é que enquanto nos não assumirmos nossa responsabilidade com a defesa da vida, milhares de jovens vão continuar morrendo por falta de assistência médica, psicologia, espiritual ou por descaso das autoridades competentes. Apesar de todos esses dados alarmantes pouco se fala sobre o assunto, e o suicídio continua sendo uma tragédia silenciosa e silenciada, cercada de tatús sociais, religiosos, psicológicos e econômicos e até o presente momento esse trabalho de conscientização, monitoramento e atendimento continua sendo desenvolvido heroicamente por ONGs e igrejas com trabalho voluntário.

No segundo capítulo partimos do pensamento de Marx e Durkheim e percebemos que a maioria dos casos de suicídio são resultados de comportamentos coletivos de uma sociedade doente. As patologias sociais oriundas do modo de produção capitalista têm influenciado, sobremaneira, o comportamento suicida dos jovens de forma direta e indireta, devido às desigualdades sociais, decorrentes da organização estrutural do capitalismo mundial integrado (CMI) que se caracteriza pelo individualismo, exclusão, competitividade, modelização das subjetividades, opressão das minorias, perda das utopias transformadoras, uma total desesperança, tanto imanente como transcendente. A partir disso constatamos que modelo econômico tem grande influência no elevado número de suicídio de jovens. tanto que o CMI consolidou-se a partir dos anos 90 ²⁰⁹ também nesse período foi onde houve o maior aumento de 30% no suicídio de jovens.

²⁰⁹ LUEDKE, Eugênio F.; ANHANHA, Edson. **Aspectos sociopolíticos da juventude católica de Florianópolis e as influências do capitalismo**: Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Especialização em Educação em Realidade Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.

Percebemos que uma das principais características da sociedade pós-moderna é a mercadorização do ser humano, ou seja, antes de produzir o produto, se produz o consumidor para determinada mercadoria. Desse modo os jovens são modelados segundo os interesses do mercado, formando assim jovens imediatistas, consumistas, individualistas. Da mesma forma que se desenvolvem produtos descartáveis, também se cria uma cultura do descarte, onde vidas e relações são consideradas descartáveis. E segundo a ética utilitarista quando o indivíduo perde seu valor comercial deve ser eliminado ou descartado como qualquer outro produto.

Observamos também que essa desigualdade social afeta com mais intensidade as classes populares, uma vez que subtrai do jovem as condições para viver plenamente sua jovialidade, já que deve submeter-se a exploração do mercado de trabalho para garantir o seu sustento e o da sua família, além das ideologizações mercadológicas difundidas pelas mídias de massa e outros meios semióticos, que levam os jovens a criar modelos midiáticos. Essa frustração advinda dos modelos apresentados pela mídia leva-os a um vazio existencial, a perda do sentido para viver, conseqüentemente, recorrem a automutilação e ao suicídio como a única forma de materializar no próprio corpo o sofrimento e a angústia que estão sentindo.

Constatamos que o desejo de morte proveniente dessa sociedade só poderá ser transformado em vida a partir de diálogos reflexivos, que busquem emancipar os sujeitos por meio de políticas públicas, e uma espiritualidade encarnada na realidade concreta de cada grupo, que desenvolva no jovem a capacidade de sonhar, e ter esperanças de que um novo mundo é possível. Quando o jovem descobre a força utópica presente na esperança cristã, ele volta a alimentar as utopias que são fundamentais para dar sentido à vida humana, e conseguir superar as angústias e frustrações naturais da condição humana. Desse modo, a vida do jovem ganha um novo sentido e uma nova razão de ser a cada dia.

No terceiro capítulo buscamos apresentar uma visão geral da como a esperança cristã pode ser uma força utópica para prevenção do suicídio juvenil. Ou seja, buscamos apresentar a esperança cristã, como uma esperança concreta, uma força propulsora que lança o indivíduo para frente em vista de superar os próprios limites. Também percebemos que a esperança alimenta as utopias dando-lhes uma razão para além da

materialidade histórica, e as utopias por sua vez dão a esperança uma aplicação prática, em situações concretas do dia-dia. Nesse sentido é que vemos na esperança cristã uma força utópica capaz de contribuir consideravelmente na superação das angústias e as desilusões que são naturais da vida humana e são potencializadas pelo modelo econômico.

Concluímos essa pesquisa consciente de que poderíamos ter escolhido várias outras abordagens, para trabalhar com o tema do suicídio juvenil, como também poderíamos ter optado por uma dimensão moral ou bioética do suicídio, ou o problema da salvação da alma do suicida, ou o acompanhamento pastoral dos familiares que perderam alguém por suicídio. Ou mesmo uma aplicação pastoral prática da esperança cristã, ou ainda apresentar caminhos concretos para se trabalhar com o problema do suicídio juvenil. Sem duvida seria abordagem muito interessantes, e poderiam muito contribuir para a proteção da vida.

Todavia, optamos por uma pesquisa exploratória, que tem como finalidade apresentar o problema, provocar questionamentos que suscitem novas pesquisas. Tendo em vista que é de suma importância trazer esse tema tão complexo e atual para dentro da reflexão teológica, para que a luz da fé possamos dar novas resposta e destruir antigos tabus sociais e religiosos que só serão quebrados quando tivermos coragem de falar abertamente, e com responsabilidade sobre o problema do suicídio e da automutilação.

Temos consciência de que ainda faltou para essa pesquisa uma aplicação pastoral, que apresentasse pedagogicamente, como a esperança cristã pode ser uma força utópica, transformadora da realidade, e assim dar um novo animo para quem vive desesperançado. Não somente aos jovens que pensam em suicídio, mas tantas outras pessoas que padecem pela depressão, e tantas outras doenças mentais que chegam até nós diariamente em busca de uma palavra de consolo e esperança. No entanto percebemos que cada caso deve ser avaliado individualmente a partir do cada contexto de cada realidade. Por isso não nos ariscamos a estender ainda mais essa pesquisa, em uma aplicação pastoral, deixando em aberto para que cada leitor busque metodologias para aplicação dessa teoria na prática pastoral.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Norma Brasileira 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

AQUINO, Thiago A. **Atitudes e intenções de cometer o suicídio**: Seus correlatos existenciais e formativos. 2009. Tese (Doutorado). URPA. João Pessoa. Disponível em: <encurtador.com.br/suR57.> Acesso em: 18 out. 2018.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2018, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 2018. p. 16. 44. Disponível em: <encurtador.com.br/iIRT3>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BAPTISTA, M. N. **Suicídio e depressão**: atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **A Ética é possível num mundo de consumidores?**. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Spe Salvi***. Vaticano: 2017. não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/jpsAB>. 2007, Acesso em: 27 abr. 2019.

BERENCHTEIN NETTO, N. **Suicídio**: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

BETIATO, Mario, A. **Escatologia Cristã**: entre ameaças e a esperança. Petrópolis: Vozes, 2006.

BETTO, Frei. **Reinventar a vida**. Vozes: Petrópolis, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BITTENCOURT, Renato N. Do amor socrático ao amor líquido. **Revista Húmus UFMA**. n. 6, p. 41-56, Set/Out/Nov/Dez. 2012, Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/1547-14992-1-PB.pdf_> Acesso em: 02 nov. 2018.

BLANK, Renold J. **Escatologia do mundo**: o projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. V1. Trad. Nélio Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.

BOFF, Leonardo. **Civilização planetária**: desafios da sociedade e o cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

BOTEGA, Nery. J. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIS, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. Trad. Montero, P.; Auzmendi, A. p.82-121). São Paulo: Ática, 1983.

BRIGHENTI, Agenor. **Esperança e utopia**: estatuto epistemológico e as forma de ralação. Sem data, Disponível em: encurtador.com.br/bgGZ5. Acesso em: 08 mai.2019.

CAMARGO, A. C. Felix Guattari: o capitalismo mundial integrado. In **VII Seminário de Pós-graduação e Filosofia da UFSCar**, 2011, São Carlos, p.69-76. Anais eletrônicos. São Paulo, UFSCar, 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/gmpW4>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CAMERA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 10.331. /2018**. Disponível em: <encurtador.com.br/acnxS>. Acesso em: 28 abr. 2019.

CHAGAS, E. F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, Mai/Ago. 2013.

COMBLIN, José. **O Liberalismo**: Ideologia dominante na virada do século. Coleção Teologia da Libertação. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A maior esperança**. Vozes: Petrópolis, 1970.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. 1964. Disponível em: <encurtador.com.br/yWX46>. Acesso em: 07 mai. 2019.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7 ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório geral para catequese**. Doc. 84. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Evangelização da Juventude**: desafios e perspectivas pastorais. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DATASUS. **Sistema de Informações de Mortalidade**. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/pextuf.def>. acesso em 30 Mar. 2019.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. (Trad. Andréa Stahel M. da Silva). São Paulo: Edipro, 2014.

ESTEVES, L. C. G; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In ABRAMOVAY M.; ANDRADE E. R.; ESTEVES L. C. (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação. P. 30-52, 2007.

FAIRBAIR, Gavin j. **Reflexões em torno do suicídio**: A linguagem e a ética do dano pessoal. São Paulo: Paulus, 1990.

FERRAREZI JR., Celso. **Guia do trabalho científico – do projeto à redação final**: monografia, dissertação e tese São Paulo: Contexto, 2015.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano: 2013. Não paginado; EG. Disponível em: <encurtador.com.br/hoDQ0>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit***. Vaticano: 2019. Não paginado; CV. Disponível em: <encurtador.com.br/alotJ>. Acesso em: 15 abr. 2019.

_____. **Deus é Jovem**: uma conversa com Thomas Leoncine. São Paulo: Planeta. Trad. João Carlos Almeida. 2018.

FRANCO, Ana Carolina Farias et al. Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude. **Fractal**, Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 415-428, maio/ago. 2014. Disponível em: <encurtador.com.br/fnuwR>. Acesso em: 22 set. 2018.

GIBELLINI, R. **A Teologia do Século XX**, trad. João Peixoto Neto, São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**. Brasiliense: São Paulo, 1987.

_____; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HERCULANO, Selene. **Em busca da boa sociedade**, Niterói: EDUFF, 2006.

HINKELAMMERT, Franz. **As armas ideológicas da morte**. São Paulo; Paulinas, 1983.

_____. **Crítica da razão utópica**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **El Grito Del sujeito**. San José: DEI, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Não paginado. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao//index.html>. Acesso em 30 abr. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; (IPEA) FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2017**. Disponível em: <encurtador.com.br/deva>. Acesso em: 20 abr. 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**. Paulinas: São Paulo, 1995.

_____. **Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis**. Paulinas: São Paulo, 1987.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

KUZMA, Cezar. Esperança Cristã. **Maxwell PUC-RIO**, n.12069/CA, sem data Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/11197/11197_3.PDF>. Acesso em: 12 jun.2019.

LIBANIO, João B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Para onde vai a juventude?** Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

LIPKIN, N.; PERRYMORE, April. **A Geração Y no Trabalho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LUEDKE, Eugênio F.; ANHANHA, Edson. **Aspectos sociopolíticos da juventude católica de Florianópolis e as influências do capitalismo: Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Especialização em Educação em Realidade Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.**

MANNHEIM, Karl. **Educação e sociedade: a educação como processo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1978.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, L. et al. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Trad. nossa. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Sobre o suicídio** Trad. R. Enderle & F. Fontanella. São Paulo: Editorial Bontempo, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Sistema de Informações de Mortalidade**. Não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/esuE5>. Acesso em 20 abr. 2018.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3. ed. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.

NAÇÕES UNIDAS. OMS. **Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Disponível em: <encurtador.com.br/mQS14>. Acesso em: 18 set. 2018.

PEDRO, Jullyanne R. O suicídio enquanto um fenômeno sócio-histórico: possíveis atuações e desafios da Psicologia. **II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde – COBRACIS**. Disponível em: <encurtador.com.br/ghAIW> Acesso em: 16 out. 2018.

POPULATION Pyramids of the World from 1950 to 2100. Não paginado. Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/brazil/2017>. Acesso em 30 abr. 2019.

RATZINGER, Joseph. A esperança. **Communio**: Revista Internacional de Teologia e Cultura, Rio de Janeiro. Ano III, n. 16, jul/ago. 1984.

_____. **Fé e futuro**. Trad. Conceição Barreira de Sousa. Portugal: Princípia, 2008.

_____. Além da morte. **Communio**: Revista Internacional de Teologia e Cultura, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 677-90, jul/set. 2009.

SAKAMOTO, Cleusa. A fase da juventude. **Vida Pastoral**, Ano 59, n. 322, p. 3-8, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma nova Globalização**: do pensamento único a consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2001.

SENADO FEDERAL. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/qFP78>. Acesso em 26 mar. 2019.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<http://setembroamarelo.org.br>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SOARES, I de O.; FLEURI, L. L.; CAMERA, H. (org). **Juventude e Dominação Cultural**; São Paulo: Paulinas, 1982.